



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

MARIA TERESA MORAES DE ALBUQUERQUE LIMA

**LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE:
ESTUDO DE CASO DO *BLOG* SOCIALISTA MORENA**

Brasília
2016

MARIA TERESA MORAES DE ALBUQUERQUE LIMA

**LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE:
ESTUDO DE CASO DO *BLOG* SOCIALISTA MORENA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Comunicação em Redes Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Assunção e Alves

Brasília
2016

MARIA TERESA MORAES DE ALBUQUERQUE LIMA

**LIBERDADE EM TEMPOS DE CRISE:
ESTUDO DE CASO DO *BLOG* SOCIALISTA MORENA**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu* Comunicação
em Redes Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina
Assunção e Alves

Brasília, 8 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Prof. Me. Luiz Claudio Ferreira

“Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo” (Olga Benario Prestes, abril de 1942)

RESUMO

As transformações trazidas pela internet – este instrumento de comunicação livre que hoje permite que qualquer sujeito seja emissor, receptor e distribuidor da informação – tiveram reflexos na maneira como as pessoas produzem e consomem notícias. E ainda que a crise do capitalismo global tenha trazido efeitos devastadores para os profissionais do jornalismo no Brasil, há algo interessante no ar: repórteres que passaram a maior parte da carreira em grandes veículos estão descobrindo novos caminhos nas redes sociais. O presente estudo se concentra num desses profissionais: Cynara Menezes, editora do *blog* Socialista Morena. Além de apresentar um pouco da trajetória da jornalista, buscamos mostrar quem são seus seguidores, que temas fazem a diferença, e de que maneira o surgimento e a repercussão do *blog* se relacionam com os tempos de crise e com os movimentos sociais que vieram em seu rescaldo no Brasil e no mundo. O objetivo geral é identificar este novo personagem do jornalismo brasileiro, o repórter que atua como formador de opinião nas redes sociais, de maneira independente, longe de padrões e da estrutura das grandes empresas de comunicação. Para isso, além de uma revisão bibliográfica sobre jornalismo independente e formação de opinião no contexto digital, foram feitas entrevistas e uma análise dos textos do *blog* e dos *posts* da Socialista Morena no Facebook ao longo de três meses, de 6 de abril a 6 de julho de 2016. O período abarca as duas votações pela admissibilidade do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, dias em que a *fanpage* da Socialista Morena bateu recordes de adesão de novos seguidores e debandada de antigos. Como resultado, mostramos que iniciativas independentes de jornalismo digital, inclusive *blogs*, podem ser alternativas economicamente viáveis e inovadoras em termos de conteúdo para jornalistas em busca de liberdade, autonomia e proximidade com os leitores.

Palavras-chave: Jornalismo. Internet. Esquerda. Socialismo.

RESUMEN

Las transformaciones que llegaron con internet – este instrumento de comunicación libre que hoy permite que cualquiera sea emisor, receptor y distribuidor de la información – impactaron en la manera cómo las personas producen y consumen noticias. Y aunque la crisis del capitalismo global haya traído efectos devastadores para los profesionales del periodismo en Brasil, hay algo interesante en el aire: reporteros que pasaron la mayor parte de sus carreras en grandes medios están descubriendo nuevos caminos en las redes sociales. El presente estudio se concentra en uno de esos profesionales: Cynara Menezes, editora del *blog* Socialista Morena. Además de presentar un poco de la trayectoria de la periodista, buscamos mostrar quiénes son sus seguidores, qué temas hacen la diferencia, de qué manera la aparición y la repercusión del *blog* se relacionan con los tiempos de crisis y con los movimientos sociales surgidos en su seno, en Brasil y en el mundo. El objetivo general es identificar este nuevo personaje del periodismo brasileño, el reportero que actúa como formador de opinión en las redes sociales, de manera independiente, sin patrones y fuera de la estructura de las grandes empresas de comunicación. Para ello, además de una revisión bibliográfica sobre periodismo independiente y formación de opinión en el contexto digital, se realizaron entrevistas y un análisis de los textos del *blog* y de los *posts* de la Socialista Morena en Facebook a lo largo de tres meses, del 6 de abril al 6 de julio de 2016. El período abarca las dos votaciones por la admisibilidad del proceso de impedimento de la presidenta Dilma Rousseff, en la Cámara de los Diputados y el Senado Federal, días en que la página de la Socialista Morena obtuvo récords de adhesión de nuevos seguidores y pérdida de antiguos. Como resultado, mostramos que iniciativas independientes de periodismo digital, inclusive los *blogs*, pueden ser alternativas económicamente viables e innovadoras en términos de contenido para periodistas en búsqueda de libertad, autonomía y acercamiento a sus lectores.

Palabras clave: Periodismo. Internet. Izquierda. Socialismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Minúsculas: uma homenagem aos poetas.....	34
Figura 2 – Meme: Che Guevara na capa da revista.....	36
Figura 3 – Produtos à venda na loja do Facebook.....	39
Figura 4 – Post comemorativo: ação e reação.....	46
Figura 5 – Protesto atual à moda antiga: rotulador manual.....	47
Figura 6 – O Poderoso Chefão: “Por minha <i>famiglia</i> , voto sim”.....	50
Figura 7 – Meme: Frase de Noam Chomsky.....	50
Figura 8 – Vídeo do debate entre Carina Vitral e Kim Kataguiri.....	51
Figura 9 – Romero Jucá: “Lutamos contra a corrupção”.....	51
Figura 10 – Golpistas Day: a véspera da votação no Senado.....	52
Figura 11 – Abolicionista x escrava: dois olhares.....	52
Figura 12 – Alexandre Frota e a “escola sem partido”.....	53
Figura 13 – Cristovam Buarque no Twitter: “morte horrível”.....	54
Figura 14 – Pau de <i>selfie</i> para fotografar bicho-preguiça.....	55
Figura 15 – Memes educativos: ideologia e empoderamento.....	57
Figura 16 – Comentários sobre as dicas de leitura para a direita.....	64
Figura 17 – Gregório Duvivier no vídeo “Reunião de Emergência 3”.....	65
Figura 18 – Reações ao <i>post</i> com o vídeo do Porta dos Fundos.....	66
Figura 19 – Comentários sobre o vídeo do Porta dos Fundos.....	66
Figura 20 – Montagem da página Socialista de iPhone.....	68
Figura 21 – <i>Posts</i> sobre o bloqueio aos “reaças”.....	69
Figura 22 – Exemplos de comentários agressivos no Facebook.....	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comparativo de <i>likes</i> entre 06/02/2016 e 06/07/2016	48
Tabela 2 – Comparativo de <i>likes</i> , <i>unlikes</i> e engajamento	48
Tabela 3 – <i>Posts</i> com maior engajamento	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Coleta e análise de dados da pesquisa.....	44
Quadro 2 – Temas mais abordados no <i>blog</i> (em número de <i>tags</i>).....	59
Quadro 3 – Países e cidades onde residem os seguidores.....	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária dos fãs no Facebook (por gênero).....	61
Gráfico 2 – Pessoas envolvidas com as publicações no Facebook.....	61
Gráfico 3 – Pessoas alcançadas com as publicações no Facebook.....	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FORMAÇÃO DE OPINIÃO NO CONTEXTO DIGITAL: SOCIEDADE EM REDE E A BUSCA DE NOVOS CAMINHOS	13
1.1 Jornalismo em tempos de crise	15
1.2 Blogs: um espaço para o jornalismo de opinião e análise	17
1.3 Os blogs políticos: um fenômeno à parte	19
2 JORNALISMO INDEPENDENTE NA COMUNICAÇÃO DIGITAL: EMPREENDEDORISMO E MILITÂNCIA	22
2.1 Blogs e o surgimento de um novo tipo de profissional: o jornalista livre	24
2.1.1 <i>Uma proposta de categorização</i>	26
2.2 Independentes, militantes e diversos	28
3 APRESENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO E DA METODOLOGIA	31
3.1 A Socialista nas redes	33
3.1.1 <i>Os posts mais polêmicos</i>	34
3.1.2 <i>Despertando amor e ódio</i>	36
3.2 Financiamento coletivo	37
3.2.1 <i>Os anunciantes do blog</i>	38
3.3 “Bolivariana, sim, e daí?”	40
3.4 Socialista Morena, um estudo de caso: a metodologia	43
4 SOCIALISTA MORENA EM NÚMEROS: ANÁLISE DE DADOS	46
4.1 <i>Esquerdismo way of life: o que ela pensa e o que diferencia da mídia convencional</i>	56
4.2 Quem são os seguidores da Socialista Morena no Facebook	60
4.2.1 <i>De onde vêm os “fãs” da Socialista Morena</i>	62
4.2.2 <i>Que comentários fazem</i>	63
CONCLUSÃO	72
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

Quando jornalistas deixam de ser os fornecedores oficiais de informação ao público e a grande imprensa perde o papel que tinha, o que fazem aqueles que passaram boa parte da vida sendo chamados de “formadores de opinião”? Com as demissões em massa nas grandes empresas de comunicação – reflexo da crise do capitalismo global iniciada em 2008 e do curto-circuito provocado pelas mídias digitais –, as previsões acerca do futuro do jornalismo são pessimistas. Alguns profissionais, no entanto, estão descobrindo novos caminhos, novas formas de se comunicar. E fazendo algo que parecia inimaginável dez anos atrás: sem patrão, falam o que querem, da maneira como bem entendem, em veículos que eles mesmos criaram (*blogs*, *sites*, páginas no Facebook).

O presente estudo se concentra em um desses profissionais que saíram de grandes veículos para fazer a “contranarrativa” nas redes sociais: a jornalista Cynara Menezes, editora do *blog* Socialista Morena¹. Ela criou este *blog* de ideias e notícias de viés esquerdista em setembro de 2012, enquanto trabalhava como repórter da *Carta Capital*. No início de 2015, depois de oito anos na revista semanal, pediu demissão para se dedicar exclusivamente ao *blog*, e passou a ser financiada pelos leitores. Em julho de 2016, cerca de 2 mil pessoas pagavam assinaturas a partir de R\$ 5 para continuar lendo os textos da Socialista Morena.

O objeto de estudo nasce da crise, sob vários aspectos. Surge num momento de indefinição do papel do jornalismo, num momento de crise econômica, política e institucional no Brasil e no mundo, de crescimento de discursos de ódio e intolerância (de fundo religioso, racial, social, ideológico). Reflexo destes novos tempos, a experiência da Socialista Morena permite discussões sobre empreendedorismo, jornalismo independente, autonomia comunicativa, polarização entre esquerda e direita, necessidade de repensar crenças e valores. Ou, como quer a jornalista, repensar o “ser de esquerda”.

A partir do *blog* de Cynara Menezes, o objetivo geral do presente trabalho é identificar este personagem que desponta no jornalismo brasileiro: o repórter que atua como formador de opinião nas redes sociais, de maneira livre e independente,

¹Disponível em: <www.socialistamorena.com.br>. Acesso em: 1 ago. 2016

longe de padrões e da estrutura das grandes empresas de comunicação. Os objetivos específicos são: comparar modelos de jornalismo antes e depois das redes sociais; identificar jornalistas independentes que se tornaram formadores de opinião (à esquerda) nas redes (quem são, como atuam, o que pensam); inseri-los no contexto de crise que vivemos; mostrar como eles se mantêm e levantar os temas e as formas de cobertura que os diferenciam da mídia tradicional.

Para alcançar esses objetivos, começamos por uma revisão da literatura sobre jornalismo independente e formação de opinião no ambiente digital (SCHITTINE, 2009; RECUERO, 2009; MORAIS, 2007; NONATO, 2014; ALDÉ; CHAGAS, 2007; RAMOS; SPINELLI, 2015), seguida de uma contextualização histórica (CASTELLS, 2013, 2015), levando em conta os movimentos sociais que vêm surgindo em vários países nos últimos cinco anos e que têm como fio comum a comunicação em rede. Na sequência, duas entrevistas semiestruturadas com a jornalista em questão e uma análise de conteúdo dos textos do *blog* e dos *posts* da Socialista Morena no Facebook. Optou-se por focar três meses de publicações, de 6 de abril a 6 de julho de 2016, período em que a página ganhou o maior número de “curtidas” e “descurtidas” graças às discussões acaloradas em torno do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff.

Espera-se demonstrar, com este estudo, a viabilidade de iniciativas independentes no jornalismo brasileiro; a necessidade de repensar modelos, crenças e valores depois da crise do capitalismo global; e a importância dos *blogs* na construção de novos caminhos para os profissionais da comunicação, uma vez que rompem as fronteiras entre informação e opinião e abrem a possibilidade de interação com o leitor, de forma direta e praticamente instantânea.

O presente trabalho foi então estruturado em quatro capítulos. No primeiro, faz-se uma contextualização dos tempos de sociedade em rede e crise do capitalismo global, e de como se dá a formação de opinião no ambiente digital. O segundo capítulo proporciona uma análise sobre o jornalismo independente e sua configuração no contexto digital; o terceiro traz a apresentação e contextualização do objeto de estudo e da metodologia; o quarto e último capítulo reúne os dados da análise documental.

1 FORMAÇÃO DE OPINIÃO NO CONTEXTO DIGITAL: A SOCIEDADE EM REDE E A BUSCA DE NOVOS CAMINHOS

Não é apenas financeira a crise do capitalismo que abala o mundo desde 2008. É estrutural também, e multidimensional, devendo ser entendida numa perspectiva transdisciplinar, uma vez que ocorre num planeta globalizado, numa estrutura de sociedade em rede que liga todos os domínios, do social ao econômico e político (CASTELLS; CARDOSO; CARAÇA, 2013).

Tendo em conta que se trata de uma crise financeira que se transformou em crise econômica, passando de econômica a institucional, e de institucional a cultural, os acontecimentos que vieram como rescaldo só fazem sentido se conectados: sim, há algo em comum entre os movimentos de protesto que ganharam as ruas de vários países nos últimos anos. E isso tem tudo a ver com as tecnologias da comunicação.

Em contextos diferentes, mas que podem ser vistos como efeitos da mesma crise, surgiram, a partir de 2011, manifestações como as revoluções tunisiana e egípcia, a Revolução das Panelas na Islândia, a Primavera Árabe, o *Occupy Wall Street* nos Estados Unidos, os Indignados na Espanha. Com imagens e ideias espalhadas rapidamente num mundo que se conecta por internet sem fio, esses movimentos deixaram claro que as pessoas não confiam mais nas instituições, e hoje buscam novas formas de participação na vida política. (CASTELLS, 2013).

Cada revolta tem seu contexto, mas o ponto de partida é geralmente o sentimento de injustiça, contra a desigualdade, a opressão, a exploração. Como diz Castells (2013), os movimentos sociais são todos emocionais. Surgem da indignação (ainda que não saibam contra o quê exatamente). Com as mídias sociais, ou seja, com a capacidade tecnológica, comunicativa, essas emoções podem ser difundidas instantaneamente, e os movimentos passam a ter caráter emergente.

Intolerância, homofobia, racismo, machismo, xenofobia, fanatismo religioso, censura, violência policial, Estado repressivo, desrespeito às liberdades são algumas das razões que fizeram – e continuam fazendo – jovens irem às ruas e praças dos quatro cantos do mundo, assumindo a identidade de indivíduos em rede e experimentando uma sensação de empoderamento.

Até no Brasil, onde ninguém mais parecia lembrar o que era ir às ruas desde o impeachment de Fernando Collor (1992), aconteceu. Partindo da espontaneidade, do desejo que as pessoas tinham de manifestar sua indignação, os protestos chegaram às praças de várias cidades brasileiras em 2013 sem lideranças, sem pessoas ou instituições no comando para unificar as mensagens. Foi um movimento popular, jovem, que começou com uma demanda concreta (contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo), e depois levantou o tema da dignidade (CASTELLS, 2015).

Em 2015, quem foi às ruas “contra a corrupção” era gente de classe média e média alta que pedia o afastamento da presidenta Dilma Rousseff e o fim do Partido dos Trabalhadores (PT) no poder. Ainda que com outro perfil, as manifestações de 2015 se conectam com as de 2013 e com as de outras partes do mundo, segundo Castells (2015), por mostrar que a sociedade quer se expressar, e hoje em dia o faz – às vezes à direita, às vezes à esquerda² – em movimentos espontâneos, coordenados pela internet, e presentes na rua. O ciberativismo, enfim, já não se encerra na poltrona, com um clique no *mouse*.

² A dicotomia esquerda-direita surgiu com a Revolução Francesa (1789), quando se iniciaram os trabalhos para a elaboração da constituição. À direita do plenário sentavam-se os representantes da alta burguesia, os chamados girondinos, que procuravam defender seus privilégios e evitar que as classes populares pudessem chegar ao poder ou tivessem suas reivindicações atendidas. À esquerda se posicionavam os jacobinos, representantes da baixa burguesia, trabalhadores em geral e aqueles das camadas mais oprimidas, que defendiam uma nova ordem social e política e lutavam por reformas que levassem a melhorias sociais. (SCHEEFER, 2007)

1.1 Jornalismo em tempos de crise

Nesta nova sociedade conectada, caracterizada por um modelo de comunicação descentralizado, do tipo muitos-muitos (LÉVY, 1999), acabou surgindo uma outra forma de produção e consumo de notícias. Diferentemente do modelo de comunicação de massa, que trazia a lógica um-muitos – e deixava nas mãos de poucas empresas o “poder” da emissão da informação –, hoje qualquer sujeito com um telefone celular nas mãos pode produzir e transmitir conteúdo para qualquer ponto do planeta.

E quando a informação deixa de ser privilégio de meia dúzia de grandes empresas do país e passa a ser produzida, consumida e compartilhada por todos, o que resta aos jornalistas? Se jornalistas livres somos todos os que lemos, assistimos, escutamos, gravamos, filmamos, fotografamos, escrevemos e compartilhamos conteúdo, chegamos a quantos no Brasil? Duzentos milhões?

Não exatamente, afirmam pesquisadores da comunicação.

Ainda que qualquer sujeito hoje tenha a possibilidade de ser emissor, receptor e distribuidor da informação na rede mundial de computadores, esse potencial encontra limitações na capacidade dos usuários de processar informação e nos mecanismos que usam para escolher o que acessar e ler. Como não é possível dar conta do excesso de informações disponíveis sem algum tipo de orientação e guia (GRABER, 1988; PALÁCIOS, 2003 apud ALDÉ; CHAGAS, 2007), jornalistas acabam cumprindo a função de organizadores autorizados da informação online. Muitos deles, graças à credibilidade conquistada antes, fora da internet.

É na credibilidade que jornalistas e empresas empregadoras de jornalistas se agarram nestes tempos de notícia em rede, afirmam Zélia Leal Adghirni e Gilson de Souza Nunes Ribeiro (2001). Para os autores, os consumidores de informação on-line precisam de referência para acompanhar a atualidade. E um produtor de conteúdos em sites independentes (nascidos na era digital, fora da grande mídia) sem experiência em jornalismo nunca poderá substituir um verdadeiro jornalista porque os dois não jogam no mesmo campo.

[Os produtores de conteúdo] pretendem dar fatos brutos, news, sem comentário nem exercício de estilo. Um jornalista, ao contrário, seja ele da Internet ou da mídia tradicional, não se contenta em difundir uma notícia. Ele a decompõe, coloca-a em perspectiva, compara-a a outros fatos da atualidade. O essencial do trabalho do jornalista permanece o mesmo: coletar a informação e divulgá-la da maneira mais justa, mais honesta e mais responsável possível dando ao leitor os fatos contextualizados e ponderados. (ADGHIRNI; RIBEIRO, 2001, p.4)

Pluralidade, credibilidade e fidelidade aos fatos ainda são valores caros à sociedade. Por isso, independentemente da plataforma, o jornalista deve seguir apurando com rigor, ouvindo fontes variadas, contextualizando a informação, buscando outros olhares, prestando serviços de utilidade pública. Deve buscar a notícia onde a maioria não vê, deve transformar números e tabelas em algo compreensível ao grande público – daí a força que vem ganhando mundo afora o “jornalismo de dados”. Novas possibilidades se abrem quando combinamos o velho “faro jornalístico” com as novas maneiras de contar uma história, tendo em conta a informação digital agora disponível.

Em tempos de sociedade conectada, portanto, o papel do profissional da comunicação deixa de ser o de “detentor oficial da informação” e passa a ser o de mediador. E mediação, aqui, não é uma transferência pura da mensagem ao destinatário – envolve sempre algum tipo de deslocamento e transformação. (LEMOS; HOLANDA, 2013). Tendo isso em conta, podemos pensar que o jornalismo está sim em crise, do ponto de vista econômico e operacional, mas essa crise também traz novas oportunidades, inclusive para a prática de um jornalismo mais ágil, colaborativo e segmentado.

Cabe ressaltar que a internet alterou a prática do jornalismo de muitas maneiras, não só pelo volume e pela variedade de informações disponíveis, mas também por questões como a velocidade do tempo real e o retorno dos leitores. Os *blogs*, especialmente, abriram à possibilidade de interação com o leitor de forma direta e quase instantânea. Criados nos Estados Unidos no fim dos anos 1990 como diários virtuais, eles mantiveram o tom pessoal como característica-chave, mesmo quando incorporados ao jornalismo, deixando o profissional como alguém de carne e osso que narra notícias a partir de uma visão particular (MORAIS, 2007).

Embora as principais empresas jornalísticas do país tenham adotado a internet comercial logo que ela chegou ao Brasil, em 1995, os *blogs* só ganharam visibilidade de fato como ferramentas para a publicação de notícias dez anos depois, em 2005, com o escândalo do Mensalão³. Neste período, alguns dos mais renomados jornalistas políticos do país – como Ricardo Noblat e Jorge Bastos Moreno, que lançaram seus *blogs* em 2004 – passaram a escrever de maneira mais livre e opinativa, conquistando uma audiência que nunca haviam alcançado na mídia impressa.

1.2 *Blogs*: um espaço para o jornalismo de opinião e análise

O senso comum de que o jornalismo se dividia em gêneros informativos e opinativos (MELO, 2003) colocou, de um lado, a objetividade da informação (notícia, reportagem, entrevista) e de outro, a subjetividade da opinião (crônica, coluna, crítica, comentário, editorial, charge, carta do leitor). Essas fronteiras, no entanto, foram se esvaindo com o aparecimento dos blogs, e mais especificamente dos *blogs* jornalísticos, tidos como um espaço de refúgio para o jornalismo de opinião e análise.

Nos *blogs*, temas factuais dialogam com experiências pessoais, mesclando opinião e informação, como nos jornais publicados nos primórdios do jornalismo brasileiro. O que se vê é uma relação diferente com a temporalidade, ainda que os assuntos tratados pelos jornalistas blogueiros dificilmente deixem de ter ligação com o noticiário do momento. É como se o sentido do tempo ganhasse outra dimensão. (MORAIS, 2007)

Ao se caracterizar como um espaço aberto a uma visão pessoal de quem o escreve, os *blogs* colocam assuntos factuais em diálogo com acontecimentos passados, memórias, experiências pessoais. Em outras palavras, a quebra do paradigma da neutralidade jornalística flexibiliza a relação das notícias nos *blogs* com a atualidade. Para estar num *blog* jornalístico, um assunto não precisa, necessariamente, ser uma novidade – nem por isso perde a legitimidade perante os leitores. (MORAIS, 2007, p.7)

³ Em junho de 2005, o então deputado federal Roberto Jefferson (PTB) concedeu entrevista denunciando a compra de votos de parlamentares no Congresso Nacional. O esquema, que ficou conhecido como o escândalo do mensalão, consistia em pagar regularmente aos deputados aliados uma quantia em dinheiro para que eles aprovassem as matérias em tramitação no Congresso que fossem a favor do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. (*Revista Época*, ed. 483, 22 ago. 2007).

No livro *Blog: comunicação e escrita íntima na internet* (2004), Denise Schittine destaca uma curiosidade: o mesmo motivo que leva blogueiros a escrever como jornalistas faz com que os jornalistas queiram fazer um diário virtual mais pessoal. E os dois grupos almejam a liberdade. Ou seja, assim como muitos blogueiros sonham poder exercer a função de jornalista, muitos jornalistas acabam se tornando blogueiros para poder escrever como bem querem, pautados por eles mesmos e sem ter textos cortados ou reescritos por um editor.

Schittine ressalta a necessidade de o blogueiro ser autêntico na escrita pessoal, seja ele autor de um blog jornalístico ou confessional. Como grande parte dos blogueiros quer atuar como formador de opinião, “é esse estilo individual que vai, a princípio, determinar a qualidade do seu texto e a influência que ele poderá vir a exercer sobre o leitor” (SCHITTINE, 2004, p.161).

Para o jornalista Ricardo Noblat, que criou o Blog do Noblat em 2004, depois de mais de 30 anos de experiência na mídia impressa, quanto mais ousadia, melhor. Segundo ele, aqueles que escrevem como gostam – e não apenas da maneira que lhes permitem os meios tradicionais de comunicação --, mais ganham em identidade, mais reconhecidos são pelos leitores.

No blog você pode exercitar com muito mais liberdade seu jeito, gosto, seu modo de escrever as coisas. Você em jornal, rádio ou televisão está muito amarrado por uma série de regras estabelecidas: fórmulas que você aprende na escola ou dentro das redações, por uma pretensa linguagem neutra ou objetiva. No *blog* você pode misturar todos os gêneros jornalísticos. Num mesmo *post* posso dizer que o Lula ganhou a eleição, por que ele ganhou e em seguida dar minha opinião. Tudo isso numa mesma nota. Não é que eu tenha que fazer isso, mas ninguém me proíbe. Não tem regra. (NOBLAT, 2006)

“O fenômeno dos *blogs* representa a volta do jornalismo de autor”, defendem os professores da Universidade de Brasília Thaís de Mendonça Jorge, Fábio Henrique Pereira e Zélia Leal Adghirni (2009, p.84) no artigo “Jornalismo na Internet: desafios e perspectivas no trinômio formação/universidade/mercado”.

Para os jornalistas, o discurso da interatividade da comunicação com um público, cuja opinião desconhecia antes, se ajusta também às transformações sociopolíticas (crise dos jornais, crescimento do papel dos técnicos na cadeia de operações midiática etc.). O blogueiro assume uma posição de líder, de difusor de ideias, de formador de opinião, que o jornalista havia perdido como indivíduo no processo de industrialização da informação. (JORGE; PEREIRA; ADGHIRNI, 2009, p. 84)

Adghirni (2008) volta a referir-se aos *blogs* como uma das mais importantes expressões de resistência, adequação e inovação jornalística, dentro do processo de invenção permanente do jornalismo através dos tempos, no artigo “*Blogs: a invasão dos profanos do mundo digital na esfera sagrada do jornalismo*”. Também discute a utilização dos *blogs* como espaços de produção de um jornalismo mais autoral no ensaio “Perfil profissional no ciberjornalismo: o *blog* como espaço de autoria e identidade na web”, escrito com Fábio Henrique Pereira (2006).

Como ressalta Claudia Nonato (2014), a quantidade de pesquisas, levantamentos e categorizações publicadas nos últimos anos demonstra que os *blogs* se tornaram importantes meios de comunicação, abalando as rotinas produtivas dos meios de comunicação de massa (QUADROS; ROSA; VIEIRA, 2005 apud NONATO, 2014).

Além de proporcionar um novo ambiente de interação social, em que leitores podem deixar comentários, elogios e críticas, esses espaços públicos de debate acabaram revitalizando o jornalismo, trazendo fôlego para aqueles profissionais que estavam cansados das rotinas de produção dos meios de comunicação tradicionais.

1.3 Os *blogs* políticos: um fenômeno à parte

Há um fenômeno à parte dentro da blogosfera no Brasil: os *blogs* políticos. “Os *blogs* de opinião política trazem um caráter forte de personalidade e informalidade, além da independência do autor. Essas características acabam por atrair leitores em busca de um outro viés da informação”. (BEVILAQUA, 2011, p. 35, apud SILVA; VIEIRA; VELOSO, 2013, p.6).

Em entrevista publicada no Portal Imprensa, em 29 de novembro de 2006, o jornalista Josias de Souza conta que seu *blog* - Nos Bastidores do Poder⁴, o primeiro da Folha Online – foi criado em outubro de 2005, quando ele completava 20 anos na *Folha de S.Paulo*, não tinha a menor intenção de ter um *blog* nem a menor familiaridade com o mundo da Internet. O jornal, no entanto, entendeu que havia um

⁴ Em janeiro de 2012, Josias de Souza mudou de endereço, trocando a Folha pelo UOL. O Blog do Josias está disponível em: <<http://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

nicho a ser explorado. Pediu que Josias o fizesse, ele aceitou. E logo teria o *blog* político mais lido do país. Como ele afirma na entrevista a Larissa Moraes:

O *blog* é uma ferramenta autoral. Você tem a oportunidade de exercitar um pouco mais seu próprio estilo. Nesse sentido, vejo o *blog* como o paraíso. Tenho muita autonomia. Escrevo do jeito que gosto, destaco o que quero destacar, dou aos assuntos o enfoque que desejo, sem interferências externas. Virei uma espécie de publisher de mim mesmo, o que é o paraíso para um jornalista. (SOUZA, 2006)

Vale ressaltar que tanto a *Folha de S. Paulo* como *O Estado de S. Paulo* inicialmente demonstraram alguma resistência ao novo meio de comunicação. Acabaram convencidos pela visibilidade e repercussão alcançadas por *blogs* de colunistas políticos como o Blog do Moreno, que em agosto de 2005 tinha 10 mil visitas por dia no portal Globo OnLine, e o Blog do Noblat, que neste mesmo mês de 2005 batia o recorde de 1.907.372 visitantes únicos no mês no IG (MORAIS, 2007).

O Globo Online (hoje apenas *O Globo*) foi rápido para perceber o potencial dos *blogs*, convidando todos os colunistas do jornal impresso para terem um no portal. Jorge Bastos Moreno estreou com o Blog do Moreno em junho de 2004, depois de quase 30 anos na cobertura política: “No início não me interessei. Aí as pessoas todas que tinham *blog* diziam que era ótimo e um dia resolvi fazer. [...] Gostei da repercussão e fui fazendo” (MORENO, 2006).

Já o Blog do Noblat, pioneiro na área, foi lançado em março de 2004, quando Ricardo Noblat assinava uma coluna dominical no jornal carioca *O Dia*. Como notícias cavadas no início da semana acabavam envelhecendo antes de domingo, um amigo lhe sugeriu que criasse um *blog* para ter onde despejá-las a tempo. Deu certo. Alguns meses depois, ao ser dispensado de *O Dia*, ele acabou se tornando blogueiro de vez – e ganhando remuneração por isso. Após um período hospedado no IG, o Blog do Noblat foi para o *Estadão* e, em seguida, para o portal de *O Globo*, onde segue desde 2006.

Todo jornalista deveria ter um *blog*. A experiência de ser responsável por um ensina mais do que muitos anos de redação. Ensina, por exemplo, a ser mais rigoroso na apuração de notícias. O erro cometido no jornal ou na revista tem muitos pais. No *blog*, ele é só seu. [...] Ensina a ser mais humilde. O leitor do *blog* não quer nem saber: baixa o pau no que você escreve. [...] O *blog* ensina também a levar mais em conta o gosto dos leitores. Eles manifestam com clareza sua preferência por determinados assuntos. [...] Esta é outra vantagem de fazer jornalismo em *blog*: você não tem patrão. Desfruta de ampla liberdade. (NOBLAT, 2005)

Para Aldé e Chagas (2007, p. 7), os *blogs* rompem de certa maneira a expectativa do jornalista como um intermediário autorizado que processa para o leitor as informações cotidianas e as torna inteligíveis para eles, como se estivessem em um degrau menos privilegiado na escala do conhecimento: “No blog, a posição do jornalista, ao contrário, é humilde e subjetiva, pois depende do retorno dos leitores. Um blog que não provoque reações e comentários perde sua razão de ser”.

Os autores também ressaltam a diferença entre *blogs* de política patrocinados pelos meios tradicionais, que podem ser acessados na versão on-line dos jornais, e os que são mantidos de forma independente por jornalistas da grande imprensa, às vezes até assinados com pseudônimos. Dão como exemplo o jornal *The New York Times*, que teria proibido seus jornalistas de manter *blogs* relacionados à sua área de atuação – outros assuntos deveriam ser previamente aprovados pela redação.

Os *blogs* mantidos pelos colunistas políticos de grandes jornais, segundo Aldé e Chagas (2007), podem ser compreendidos como um gênero híbrido entre o jornalismo de opinião e a sua contraparte noticiosa. De uma forma ou outra, mesmo os *blogs* autorizados pelo espaço do jornal, veículos da grande imprensa, representariam uma significativa mudança pela possibilidade de interação com o leitor, uma vez que criam um ambiente opinativo, no qual o leitor é expressamente convidado a participar.

2 JORNALISMO INDEPENDENTE E SUA CONFIGURAÇÃO NA COMUNICAÇÃO DIGITAL: EMPREENDEDORISMO E MILITÂNCIA

As mudanças nas maneiras de produzir e consumir notícias, aliadas às crises econômicas, políticas e institucionais que vêm ganhando o mundo, resultaram em demissões em massa na maioria das empresas de comunicação brasileiras. Para reinventar novas frentes de trabalho, jornalistas “estão criando estratégias de negócio autossustentáveis que reforcem os princípios investigativos da profissão ao informar sobre questões ligadas aos direitos dos cidadãos e tentar fortalecer a democracia na sociedade” (RAMOS; SPINELLI, 2015, p.114).

Levantamento do *site* Comunique-se publicado em janeiro de 2016 mostrava que 1.400 jornalistas haviam sido demitidos no Brasil em 2015, a grande maioria por cortes de custos. Entraram nesta conta funcionários do Grupo Abril, que fechou o ano com 60 demissões nas redações; do grupo *Estado de S. Paulo*, que demitiu 97; e dos diários cariocas *O Globo*, *Extra* e *Expresso*, que só em um mês, dezembro, dispensaram 40 empregados.

Muitos dos profissionais que saíram da chamada grande imprensa – seja por demissão ou falta de identificação com o veículo – acabaram criando alternativas em busca de um jornalismo sem fins lucrativos e apartidário. “Sobreviver autonomamente é, ao mesmo tempo, um mérito e uma imposição de sua condição, que impõe características peculiares na definição de todos os âmbitos de sua atividade, da escolha de conteúdos até a abordagem de público-alvo”. (SERVA, p. 21 apud RAMOS; SPINELLI, 2015, p.116).

Neste contexto, surgiram empresas de conteúdo digitais – a exemplo da Agência Pública⁵, da Ponte⁶, do BRIO⁷ e do Think Olga⁸ – que produzem jornalismo investigativo e distribuem suas reportagens em plataformas digitais, buscando reflexões sobre o papel do jornalismo como formador de opinião pública e porta-voz de uma comunicação democrática, pluralista e renovadora (RAMOS; SPINELLI, 2015).

⁵ Disponível em: <<http://apublica.org>>. Acesso em: 1 ago. 2016

⁶ Disponível em: <<http://ponte.org>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

⁷ Disponível em: <<https://medium.com/brio-stories>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

⁸ Disponível em: <<http://thinkolga.com>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

Pioneira no país, a Agência Pública foi fundada em 2011 por Marina Amaral, ex-*Folha de S.Paulo* e *Caros Amigos*, e Natália Viana, que também foi repórter da *Caros Amigos* e do portal Terra. Trata-se de uma aposta num modelo de jornalismo sem fins lucrativos para manter a independência, com vistas ao “fortalecimento do direito à informação, à qualificação do debate democrático e à promoção dos direitos humanos”, como afirmam no *site*⁹. A missão, como esclarecem, é produzir reportagens de fôlego pautadas pelo interesse público, sobre as grandes questões do país do ponto de vista da população.

As reportagens são financiadas por instituições como Fundação Ford e por *crowdfunding* (financiamento coletivo), e reproduzidas livremente por uma rede de mais de 60 veículos, sob a licença *creative commons*¹⁰. Entre os parceiros estão centros independentes de jornalismo da América Latina, dos Estados Unidos e da Europa. Além de produzir, a Pública conta com programas de mentorias para jovens jornalistas, bolsas de reportagem e incubação de projetos inovadores de jornalismo independente. Para eles, o jornalismo não está em crise – está em renovação.

Assim como a Pública acredita na reportagem, a Ponte é um canal de informações sobre segurança pública, justiça e direitos humanos criado por repórteres que acreditam na construção de um mundo mais justo a partir de um jornalismo de qualidade, independente, de importância no contexto social. Nascido com o apoio institucional da Agência Pública, o *site* da Ponte – concebido a partir de 2013 e no ar oficialmente desde junho de 2014 – foi idealizado por três jornalistas com experiência no mercado tradicional: André Caramante (ex-*Folha de S.Paulo*), Bruno Paes Manso (ex-*Estadão*) e Claudia Belfort (ex-*Estadão*). Casos de opressão, violência e impunidade são os principais assuntos abordados.

BRIO, por sua vez, é uma plataforma especializada na produção de reportagens que dialoguem com temas relevantes da agenda brasileira e mundial. A ideia é estar conectado com o que interessa, abordando ângulos diferentes dos habituais e experimentando novas formas de narrativa. Embora enfoque a cobertura no Brasil – prometendo histórias reais e jornalismo de fôlego para quem gosta de ter assunto –, o BRIO tem sócios em Paris, Washington, Nova York, Brasília e Rio de

⁹ Disponível em: <<http://apublica.org/quem-somos>>. Acesso em: 20 jul. 2016

¹⁰ As licenças *creative commons* (CC) permitem que outras pessoas copiem, distribuam e façam alguns usos do seu trabalho para fins não comerciais. São aplicáveis em todo o mundo e duram o mesmo prazo que o direito de autor e/ou os direitos conexos aplicáveis.

Janeiro. Nasceu do investimento pessoal (e familiar) de três jornalistas: Breno Costa, Felipe Seligman e Fernando Mello.

Já o Think Olga, criado em abril de 2013 pela jornalista Juliana de Faria, é um projeto feminista com o objetivo de empoderar mulheres por meio da informação. A ideia é criar conteúdo que provoque reflexões sobre a complexidade das mulheres e o respeito que merecem no tratamento da notícia. A cobertura é diferente porque debate questões de gênero e nem sempre os artigos são sobre casos pontuais. Um “minimanual do jornalismo humanizado”, disponível no site desde 30 de maio de 2016, reúne dicas simples e diretas para jornalistas a fim de evitar preconceitos e tornar a leitura do noticiário uma experiência agradável. O site mantém-se com campanhas de *crowdfunding* e doação de pessoas jurídicas.

Um mapeamento do jornalismo independente¹¹ feito pela Agência Pública em 2016 incluiu essas quatro e outras 70 iniciativas desenvolvidas atualmente no Brasil. Neste “mapa” interativo estão projetos nascidos na rede, de maneira coletiva, sem vínculos com grandes grupos de mídia, políticos, organizações ou empresas. *Blogs* não entraram neste panorama, segundo os responsáveis pela elaboração, porque costumam ser iniciativas individuais, com tom pessoal, não necessariamente jornalístico, e sem a pretensão de se tornarem veículos autossustentáveis.

Socialista Morena, como veremos, é um caso à parte: um blog jornalístico, com tom pessoal e a pretensão de se tornar um veículo autossustentável.

2.1 Blogs e o surgimento de um novo tipo de profissional: o jornalista livre

Uma vez que a informação não é mais exclusividade das empresas jornalísticas com suas equipes de profissionais devidamente estruturadas — afinal, qualquer pessoa pode criar um site e distribuir notícia em rede —, um novo tipo de jornalista acaba surgindo deste processo: o jornalista blogueiro, livre, independente. Cabe, no entanto, a pergunta: ainda que escrevam de maneira muito mais solta que antes, seriam eles livres e independentes de fato?

¹¹ Disponível em: <<http://apublica.org/mapa-do-jornalismo>>. Acesso em: 20 jul. 2016

Considerados como “uma nova categoria de *webjornalismo* genuinamente surgida a partir da internet” (ESCOBAR, 2009, p. 8), os *blogs* jornalísticos têm na personalização sua característica mais distintiva. Para Escobar, é a personalização que torna possível considerar um *blog* como jornalístico, “pois a apropriação específica de cada agente humano é o que determina o tipo de conteúdo de um *blog*” (2009, p.66). É preciso ressaltar que o simples fato de um *blog* ser mantido por um jornalista não faz dele um *blog* jornalístico.

Há jornalistas que falam o que pensam em *blogs* hospedados em grandes portais; jornalistas contratados por grandes empresas que mantêm *blogs* pessoais para ter onde dizer o que bem querem; jornalistas sem vínculos com nenhuma organização que escrevem sobre o que bem entendem nos próprios *blogs*. Recebendo ou não alguma remuneração por eles, profissionais já reconhecidos “no papel” acabam fazendo desse meio de comunicação digital um espaço de autonomia e debate nunca antes vivenciado na imprensa convencional.

Para esses jornalistas, o ambiente digital trouxe profundas mudanças na maneira de trabalhar — não só pela velocidade do tempo real, mas também pela interatividade com os leitores. “O retorno direto dos leitores é outra coisa, não tem comparação com o que vivia no impresso, quando a única opinião que ouvia era dos próprios colegas ou reclamações ao painel do leitor. No *on-line*, você responde tudo: elogios, críticas, sugestões”, afirmou Cynara Menezes, editora (e criadora) do blog Socialista Morena, em entrevista à pesquisadora em 16 de abril de 2015.

“Os leitores de *blog* cobram muito sua opinião. Quando faço três ou quatro *posts* sem dar opinião, apenas relatando algum assunto, eles cobram: o que você pensa disso, desce do muro, dá sua opinião”, destacou o jornalista Ricardo Noblat no artigo “Como fazer — e manter — um blog político” (2006)¹², lembrando que nos meios convencionais de comunicação é o contrário:

A gente aprende que não pode entrar na notícia porque não é assim que se faz. No *blog*, não, é assim que se faz. Ou é assim que as pessoas querem que você faça. É um jornalismo de autor. O *blog* tem o seu nome, a sua cara e as pessoas querem te reconhecer ali — quer elas tenham afinidade com você ou não. Entram ali porque se afinam com o que você pensa ou, pelo contrário, porque não, mas querem participar da discussão e, na maioria das vezes, se opor a você. (NOBLAT, 2006)

¹² Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br>>. Acesso em: 20 jul. 2016

Jornalistas que se tornaram blogueiros têm, portanto, o desafio de lidar com esse embate diário e direto com a audiência, como parte da adaptação ao novo modo de fazer e viver o jornalismo. “Conseguiram liberdade diante das empresas de comunicação, mas encontraram novas formas de censura e controle” (NONATO, 2014, p. 40). Lidar com os críticos e ofensores cotidianamente, numa escala muito maior que na mídia impressa, também faz parte do processo de independência no mundo virtual.

2.1.1 *Uma proposta de categorização*

No artigo “Uma nova proposta de categorização para jornalistas blogueiros”, Claudia Nonato (2014) divide os jornalistas blogueiros em “hóspedes”, “independentes” e “militantes”. Como exemplos, cita profissionais que, independentemente de posicionamento político e ideológico, representam bem as mudanças ocorridas no jornalismo contemporâneo em decorrência dos blogs, tendo em vista que migraram para o novo meio depois de ter a carreira consolidada nos veículos tradicionais. E não apenas levaram consigo o público como conquistaram novos leitores.

No primeiro caso estariam os *blogs* hospedados em *sites* e portais de grandes jornais e empresas de comunicação, como os de Josias de Souza e Juca Kfoury¹³ (no UOL), Reinaldo Azevedo¹⁴ (na *Veja*) e Ricardo Noblat¹⁵ (em *O Globo*). No segundo entrariam os jornalistas que mantêm *blogs* fora dos portais e dos veículos de comunicação, a exemplo de Luís Nassif (Luis Nassif Online¹⁶), Paulo Henrique Amorim (Conversa Afiada¹⁷), Rodrigo Vianna (Escrevinhador¹⁸) e Luiz Carlos Azenha (Viomundo¹⁹). Blogueiros militantes, por sua vez, seriam os jornalistas independentes que mantêm uma causa e militância, geralmente de esquerda, com ou sem vínculo

¹³ Disponível em: <<http://blogdojuca.uol.com.br>>. Acesso em: 2 ago. 2016

¹⁴ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo>>. Acesso em: 2 ago. 2016

¹⁵ Disponível em: <<http://noblat.oglobo.globo.com>>. Acesso em: 2 ago. 2016

¹⁶ Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/luisnassif>>. Acesso em: 2 ago. 2016

¹⁷ Disponível em: <<http://www.conversaafiada.com.br>>. Acesso em: 2 ago. 2016

¹⁸ Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/rodrigovianna>>. Acesso em: 2 ago. 2016

¹⁹ Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br>>. Acesso em: 2 ago. 2016

com veículos de comunicação, como Renato Rovai (Blog do Rovai²⁰), Cynara Menezes (Socialista Morena) e Altamiro Borges (Blog do Miro²¹).

Como podemos ver, Claudia Nonato incluiu na categoria “blogueiros independentes” os jornalistas que mantinham blogs fora dos portais e dos veículos de comunicação, com ou sem vínculo empregatício com empresas da mídia tradicional.

Luís Nassif, por exemplo, passou por rádio, televisão e impressos antes de criar em 2010 o blog Luís Nassif Online. Em 2006, quando lançou seu primeiro blog (no portal IG), era também colunista da *Folha de S.Paulo*. Em 2010, criou o blog Luis Nassif Online, ancorado em seu próprio portal, sem vínculo com empresa de comunicação. O diferencial? Ele trabalha com comunidades, que compartilham textos, informações, opiniões, elogios e críticas no *blog*.

Já Paulo Henrique Amorim, outro veterano da TV e das revistas, ainda que contratado pela Rede Record, entrou no grupo dos independentes por manter o *blog* Conversa Afiada sem vínculos com portais. Rodrigo Vianna, também ligado a uma emissora de televisão (Record), foi considerado independente por sustentar com alguns poucos anunciantes o *blog* O Escrevinhador, lançado em 2008 (hoje abrigado no portal da Revista Fórum). Mesmo caso de Luiz Carlos Azenha, conhecido repórter de televisão e editor do *blog* Viomundo desde 2008.

No grupo dos “blogueiros militantes”, Nonato reuniu jornalistas “que se autointitulam independentes e mantêm uma causa e militância, geralmente de esquerda, e vínculo com veículos de comunicação também contra-hegemônicos” (2014, p.38). Nesse grupo estariam o jornalista Renato Rovai, que mantém o “Blog do Rovai” e é editor da Revista *Fórum*; Cynara Menezes, criadora do Socialista Morena, ex-*Carta Capital*, e desde 2015 colunista da revista *Caros Amigos*; e Altamiro Borges, que está à frente do Blog do Miro desde 2008 e é presidente do Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé.

Esses três “blogueiros militantes” citados por Nonato são bastante atuantes no Twitter, onde têm contas desde 2009. Miro se define no alto da página do *microblog* como “uma trincheira na luta contra a ditadura midiática”. Ele tem 63,9

²⁰ Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blogdorovai>>. Acesso em: 2 ago. 2016

²¹ Disponível em: <<http://altamiroborges.blogspot.com.br>>. Acesso em: 2 ago. 2016

mil seguidores e 86,9 mil *tweets* publicados desde março de 2009 [números atualizados em 10 de julho de 2016]. Já Renato Rovai — no Twitter desde julho de 2009, com 34,3 mil seguidores e 21,8 mil *tweets* postados [em 10 de julho de 2016] — se apresenta como jornalista, doutorando em comunicação, professor da Cásper Líbero, editor da Revista Fórum, midialivrista e blogueiro. Dos três, Cynara Menezes é a campeã em postagens e seguidores: no Twitter desde setembro de 2009, [em 10 jul. 2016] tinha 150 mil *tweets* e 71,9 mil seguidores.

Levando em conta a categorização proposta por Nonato, passo a tratar os “blogueiros com causa” como militantes, distinguindo-os dessa maneira dos jornalistas independentes. Assim, Cynara Menezes, objeto de estudo desta pesquisa, ainda que possa ser considerada independente — uma vez que não está a serviço dos grandes grupos de comunicação —, é “militante” por ser assumidamente de esquerda, com posição política clara.

Outro termo que poderia usar para referir-me à editora do Socialista Morena seria “jornativista”, como também são chamados aqueles que atuam como profissionais da informação e assumem claramente seu posicionamento. Ao adotar a linguagem militante, não aderindo ao princípio da imparcialidade, mas mantendo a preocupação com o impacto da notícia, os “jornativistas” estariam num espaço intermediário entre a perícia e o engajamento, tendo os meios hegemônicos (“burgueses”) como adversários políticos (PRUDENCIO; BATALHA, 2009).

2.2 Independentes, militantes e diversos

Outra iniciativa de viés esquerdista que surgiu da crise foi o coletivo Jornalistas Livres, criado em São Paulo para cobrir as manifestações de 15 de março de 2015 com um olhar diferente do que a mídia tradicional costuma oferecer. Passada a cobertura, eles decidiram seguir como um grupo de trabalho em rede, com sede, *site* (<http://jornalistaslivres.org>), conta no Twitter, conta no Instagram, página no Facebook e uma mesma *hashtag* (*#jornalistaslivres*).

Em 8 de julho de 2015, a autodenominada “rede de coletivos originada na diversidade” recebeu R\$ 132.730,00 de financiamento coletivo realizado pela plataforma Catarse, graças à contribuição de 1.292 pessoas. Em setembro de 2015,

seis meses após o lançamento, os Jornalistas Livres chegaram a 65 mil *likes* no Facebook e 3.700 seguidores no Twitter. Em 17 de julho de 2016, a página deles no Facebook tinha 463.192 “curtidas” e a conta no Twitter, 54,2 mil seguidores.

Três veteranos entraram no coletivo fascinados pela possibilidade de fazer jornalismo independente nestes tempos de crise: Bia Abramo, Laura Capriglione e Pedro Alexandre Sanches. Com longas passagens pela *Folha de S.Paulo* e mais de 20 anos de profissão, os três repórteres integraram o núcleo inaugural do Jornalistas Livres, passando a trabalhar ao lado de outros tantos comunicadores (repórteres, editores, fotógrafos, *videomakers* e *midialivristas* em geral) em defesa de um “jornalismo democrático, plural, em rede, pela diversidade e pela defesa implacável dos direitos humanos²²”.

É Pedro Alexandre Sanches, que atua como jornalista cultural em São Paulo desde 1995 — e edita o *blog* Farofafá²³ desde que saiu da *Carta Capital*, em 2009 — quem aqui resume o espírito heterogêneo dos Jornalistas Livres:

A *hashtag* nos une, mas não nos uniformiza. Somos jornalistaS livreS, no plural, porque somos muitos e estaremos, a partir de nossas próprias malocas virtuais [...], fazendo jornalismo à nossa maneira, à maneira ditada por nossas consciências, e não sob os preceitos cavados nos escombros de ditadura que hoje são nossos jornais, revistas, portais multinacionais e emissoras de TV e de rádio. (SANCHES, 2015)

O que eles buscam? Sanches tenta enumerar: jornalismo livre, jornalismo cidadão, jornalismo humano, jornalismo contra (o preconceito, a intolerância, a ignorância, o atraso, o retrocesso), jornalismo a favor (da justiça, da inteligência, do progresso, da igualdade, do bem comum), jornalismo de empatia, jornalismo crítico generoso, jornalismo de compreensão, jornalismo sem baixaria, falta de educação, ofensa, agressão, violência, jornalismo de paz, jornalismo adulto (para jovens de todas as idades), jornalismo bem-humorado, jornalismo feliz... (SANCHES, 2015)

²² Do site Jornalistas Livres: “#JornalistasLivres somos uma rede de coletivos originada na diversidade. Existimos em contraponto à falsa unidade de pensamento e ação do jornalismo praticado pela mídia tradicional centralizada e centralizadora. Pensamos com nossas próprias cabeças, cada um(a) de nós com sua própria cabeça. Os valores que nos unem são o amor apaixonado pela democracia e a defesa radical dos direitos humanos”[...] não agimos orientad@s por patrão, chefe, editor, marqueteiro ou censor. Somos noss@s própri@s patrões/patroas, somos noss@s própri@s empregad@s. Almejamos viver em liberdade e vivemos na busca incessante por liberdade”. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/quem-somos>>. Acesso em 20 jul. 2016.

²³ Disponível em: <<http://farofafa.cartacapital.com.br>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

No blog *www.jornalistaslivres.org*, os assuntos estão divididos (em julho de 2016) por seções: política, economia, saúde, negros, feminismo, educação, Rio Doce, índios, LGBT. A divisão de temas deixa claro que, mais que independente, ali o que se faz é jornalismo militante, com causas bem definidas: em defesa da população negra, pobre e periférica, da comunidade LGBT, dos índios e quilombolas, contra a desigualdade, as injustiças, a supressão dos direitos conquistados pelos trabalhadores e pelas camadas mais vulneráveis da população.

Identificada com as mesmas causas, Cynara Menezes (Socialista Morena) é contemporânea dos três repórteres citados como integrantes do núcleo inaugural dos Jornalistas Livres. Trabalharam juntos na *Folha de S.Paulo* e têm ideias parecidas a respeito do desafio de constituir uma imprensa independente, inclusiva, crítica e pluralista.

Assim como os Jornalistas Livres surgiram para acompanhar uma manifestação “do chão”, com o olhar de quem participa, não de quem assiste de longe, “do alto”, Cynara defende seu *blog* como um meio de comunicação de esquerda, com reportagens escritas sob uma ótica diferente da mídia hegemônica. Para ela, o modelo de financiamento pelos leitores é o único capaz de garantir independência.

3 APRESENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O presente trabalho teve como estudo de caso o *blog* Socialista Morena, criado pela jornalista Cynara Menezes em 2012. Baiana de Ipiaú, 49 anos, Cynara formou-se em jornalismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1987. Nesses quase 30 anos de profissão, foi repórter dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *Jornal de Brasília*, das revistas *Isto É/Senhor*, *Vip*, *Veja* e *Carta Capital*. Ainda trabalhava na revista editada por Mino Carta quando decidiu criar um *blog* dedicado ao “*esquerdismo way of life*” e realizar um sonho: ser pauteira e editora dela mesma.

Socialista Morena nasceu como um *blog* de ideias e notícias com viés esquerdista (“socialista, comunista & bolivariano”), a tratar de política (ou “*utopiapolitik*”, como diz sua criadora), literatura, música, cinema, quadrinhos, humor, viagens. Uma das inspirações, ela conta, veio de uma entrevista com o desenhista argentino Quino, o criador da Mafalda. Ao perguntar a ele se era de esquerda ou de direita, recebeu como resposta uma outra pergunta: “De que lado bate o coração?”.

O nome do *blog* foi inspirado no antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997), que voltou do exílio após a anistia falando em “socialismo moreno”, um socialismo à brasileira, mestiço, tropical. Tendo o antropólogo como guia e mestre, Cynara diz ter descoberto que o socialismo independe de governo. “É uma forma de ver o mundo, de lutar por uma maneira de viver” (MENEZES, 2015b, p.15). Como dizia o escritor português José Saramago (1922-2010), “é um estado de espírito”²⁴.

Em nosso país, ao contrário de outras nações capitalistas, inexistia uma imprensa forte de esquerda, socialista. Ou mesmo, para ser bem franca, uma imprensa com conteúdo mais sofisticado, para fazer pensar. E vejo muita gente sedenta por ler sobre o socialismo, sobre formas alternativas de ver o mundo, o Brasil, o sexo, as drogas, a história, a política, o transporte ou a economia. Os atuais meios de comunicação não escrevem para este público. Não nos provoca a lê-los. (MENEZES, 2015b, p. 17)

²⁴ Texto publicado no *blog* Socialista Morena em 16 de novembro de 2012 trouxe um trecho da entrevista que José Saramago deu ao jornal *Público* em outubro de 1998: “Ser-se comunista ou ser-se socialista é, além de tudo o mais, e tanto como ou ainda mais importante que o resto, um estado de espírito”. Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/jose-saramago-90-anos-ser-comunista-e-um-estado-de-espírito/>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

Ideologicamente, Cynara Menezes se define como “uma esquerdista empedernida”²⁵, mais para Amélie Poulain do que para Rosa de Luxemburgo. “Na realidade, acredito que a esquerda deveria sempre estar à esquerda dos governos, sejam eles quais forem. Até mesmo os de esquerda. Apontando os erros, mostrando outras opções de caminhos”(MENEZES, 2015b, p.15).

E como pessoa de esquerda que considera ser de esquerda estar à esquerda de qualquer governo, ela afirma ter várias críticas ao Partido dos Trabalhadores. A maior delas seria o fato de não ter investido na conscientização política da juventude. Era isso o que ela buscava quando criou o blog, em setembro de 2012, no meio do primeiro mandato da presidenta Dilma Rousseff. Como conta em texto publicado na revista *Caros Amigos* em junho de 2015:

Tenho feito a minha parte, plantando meu grãozinho de socialismo, outra palavra que tentam transformar em ruim ou anacrônica, ao lado de “ativismo”, “ideologia”, “engajamento”, “politização”. Música para meus ouvidos. Como alguém, em sã consciência, pode ser contra o socialismo, uma ideologia que prega sobretudo a igualdade entre os seres humanos? [...] Para mim, o papel social do jornalista é antes de tudo compartilhar conhecimento. Conhecendo, acredito, é impossível a qualquer um que não nasceu em berço de ouro (e mesmo a estes, se tiverem um pinga de consciência) ser de direita neste País. (MENEZES, 2015a)

Com três meses de vida, Socialista Morena deu a Cynara Menezes o prêmio Mulher Imprensa na categoria *webjornalismo*. No segundo semestre de 2014, ganhou força com a polarização direita *versus* esquerda em torno das eleições presidenciais, e no início de 2015 deixou de ser “mais um espaço” da jornalista. Ela pediu demissão da *Carta Capital*, onde estava havia oito anos, para dedicar-se exclusivamente ao *blog*. Como comentou no texto “*Self-made journalist* (ou jornalista de mim mesma), uma experiência” (postado no *blog* em 8 de março de 2015): “Imagem: fazer jornalismo independente, direto ao leitor, sem atravessadores. De mim para vocês. Não é fascinante?”.

Nas próximas páginas, veremos como o *blog* Socialista Morena ganha cada vez mais seguidores nos sites de redes sociais, mantendo-se graças a assinaturas e doações de leitores. Tentando oferecer diariamente a eles o que acredita poder fazer de melhor em termos de jornalismo, Cynara segue com sua

²⁵ A definição está na apresentação do blog Socialista Morena. Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/sobre-este-blog/>>/. Acesso em: 2 ago. 2016.

experiência de mídia à esquerda, esperando encontrar na internet uma aliada para esse novo jornalismo – e novo socialismo – que ela vê despontar.

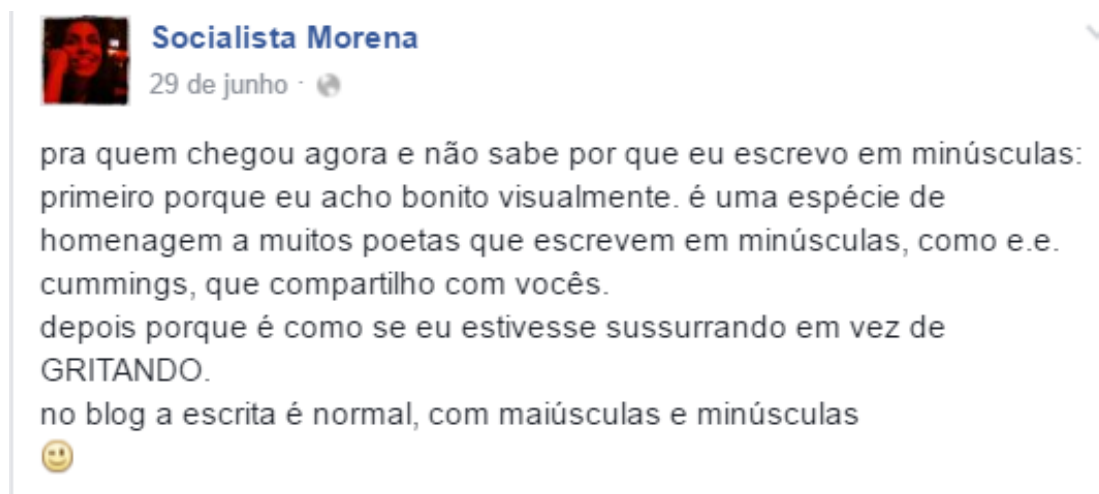
3.1 A Socialista nas redes

A construção da imagem da Socialista Morena nas redes sociais começa antes da criação do *blog*, com a entrada da jornalista no Twitter. Aberta em setembro de 2009, a conta *@cynaramenezes* logo fez fama no *microblog* de 140 caracteres pelas provocações, pelo humor e pela participação constante em uma série de polêmicas. Após a criação do *blog*, como já tinha sua *fanbase* no Twitter, ela manteve a conta com nome e sobrenome, assim como a apresentação que havia criado inicialmente (“escrevo matérias e asso pães. e vice-versa”), seguida do *link* *socialistamorena.com.br*.

Em 10 de julho de 2016, *@cynaramenezes* tinha 150 mil tweets e 71,9 mil seguidores no Twitter. Na mesma data, a página do Socialista Morena no Facebook — em que compartilha todos os *posts* do *blog*, além de textos alheios e comentários sobre os assuntos do momento — contabilizava 361.757 *likes*. Após o início do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, a audiência da jornalista nas redes sociais se multiplicou rapidamente. Em entrevista para esta monografia, em 24 de junho de 2016, ela contou que ganhara 130 mil seguidores naquele semestre. “Acho que, neste ritmo, posso chegar aos 500 mil até o final do ano”, estimou.

No Facebook, os *posts* da Socialista Morena começam a aparecer pela manhã e seguem até o fim da tarde, início da noite. Não há um limite de postagens diárias. Há dias em que ela escreve seis vezes; outros em que chega perto da marca dos 30. Muitos dos *posts* terminam com um sorriso ou um sorriso com piscadela (☺ ou ;-). Todos são escritos em letras minúsculas (FIGURA 1). Em 29 de junho de 2016, ela explicou o porquê:

Figura 1 – Minúsculas: uma homenagem aos poetas



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/SocialistaMorena>. Acesso em: 2 ago. 2016

3.1.1 Os posts mais polêmicos

Com mais de 4 milhões de visualizações (em junho de 2016), o *blog* permite comentários dos leitores nos *posts*, mas eles são poucos se comparados aos escritos pelos leitores na página do Facebook da Socialista Morena. “Por que nos EUA não tem batucada?”²⁶, por exemplo, foi um texto publicado em 15 de novembro de 2015, por ocasião da Semana da Consciência Negra. No *blog*, teve 89.264 visualizações e 54 comentários. No Facebook, o mesmo texto recebeu 987 comentários – num total de 327.030 pessoas alcançadas, 6.836 curtidas e 2.770 compartilhamentos.

Até o momento, um dos *posts* mais polêmicos do *blog* foi “Comunistas transam melhor?”²⁷ (98.140 views em 25 jun.2016), sobre um documentário de como era a vida sexual dos moradores da Alemanha Oriental. “Os direitistas ficaram furiosos com o título, mas na verdade era um *post* sobre feminismo e como ele liberta a mulher para ser feliz sexualmente”, esclareceu Cynara em entrevista, em 16

²⁶ Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/por-que-nos-eua-nao-tem-batucada>>. Acesso em: 1 ago. 2016

²⁷ Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/comunistas-transam-melhor>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

de abril de 2015, lembrando que seus textos sobre feminismo muitas vezes causam polêmica, a exemplo de “Por um masculinismo contra o machismo”²⁸.

Também fizeram sucesso nas redes “A volta do filho (de papai) pródigo ou a parábola do roqueiro burguês”²⁹, que criticava o posicionamento político (o “derrotismo explícito e o direitismo não assumido”, nas palavras da autora) dos roqueiros Lobão e Roger Moreira, do Ultraje a Rigor (103.377 *views* em 25 jun. 2016), e o *post* “Parente é serpente: o curioso destino político da família Genro”³⁰ (100.533 *views*), sobre a difícil situação da candidata do PSOL à Presidência da República, Luciana Genro, que deveria votar ou no pai ou no marido nas eleições para governador do Rio Grande do Sul.

Outros textos muito comentados foram uma entrevista com o professor Antonio Kubitschek³¹, que ganhou fama ao colocar em uma prova uma questão sobre Valesca Popozuda (referindo-se à funkeira como uma “pensadora contemporânea”, uma provocação para chamar a atenção da imprensa), e um bate-papo com a “sem-terra do Outback”³² (81.862 *views*), a mulher que foi fotografada porque vestia uma camiseta do MST (Movimento dos Sem-Terra) e almoçava numa franquía do restaurante em Brasília — uma imagem que foi parar no site da revista *Veja*³³. A semanal do Grupo Abril é um dos principais alvos de crítica da Socialista Morena, sendo motivo de chacota inclusive nos “memes” publicados na página do *blog* no Facebook (FIGURA 2).

²⁸ Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/por-um-masculinismo-contr-o-machismo>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

²⁹ Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/a-volta-do-filho-de-papai-prodigo-ou-a-parabola-do-roqueiro-burgues>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

³⁰ Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/parente-e-serpente-o-curioso-destino-politico-da-familia-genro>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

³¹ Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/kubitschek-o-provocado-a-escola-publica-e-tao-mal-considerada-quanto-valesca-e-o-funk>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

³² Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/uma-entrevista-com-a-sem-terra-do-outback>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

³³ Cynara Menezes passou oito meses de 2004 trabalhando na revista que hoje mais critica. Em 5 de novembro de 2012, escreveu um texto sobre isso. Disponível em: <http://socialistamorena.com.br/por-que-entrei-na-veja-e-por-que-sai/?hc_location=ufi>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Figura 2 – Meme: Che Guevara na capa da revista



Fonte: Facebook. Publicado em 24 mai. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena/photos>>. Acesso em: 2 ago. 2016

3.1.2 *Despertando amor e ódio*

As provocações têm seu preço. Cynara Menezes foi suspensa do Facebook quatro vezes. Duas delas por causa de imagens supostamente pornográficas, inclusive um *post* sobre “a suavidade esquecida dos pelos pubianos” ilustrado por uma foto de Theodoor Thomas, “Nu feminino”, de 2013). As outras duas suspensões foram por fotos em que a jornalista denunciava violência — e pessoas acusaram-na de estar incitando violência. A última delas foi na passeata de 15 de março de 2015, quando mostrou que manifestantes haviam pendurado bonecos de Dilma e Lula enforcados. Como contou em entrevista à pesquisadora em 16 de abril de 2015: “Os *haters* denunciaram a foto como se eu estivesse pregando ódio... E o Facebook aceitou”. Foram quatro dias de suspensão.

Quem ela define como seus principais detratores? Jovens reacionários sem muita leitura, geralmente fãs do deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ), militar da reserva que cumpre o sexto mandato na Câmara dos Deputados e conquistou milhões de admiradores com um discurso marcado pela intolerância. No campo da esquerda, algumas feministas também se incomodam com o ponto de vista de Cynara sobre o tema. “E os petistas mais exaltados me acusam de ser ‘reaça’ ou ‘psolista’ quando faço qualquer crítica. Mas atualmente os próprios petistas têm feito essa autocrítica”, comentou por e-mail em 16 de abril em 2015.

Com a imagem desgastada por escândalos e pela oposição ferrenha da mídia, a permanência do PT no poder parece cada vez mais questionada, à direita, mas também à esquerda. No fundo, o fato de o PT, seus acertos e seus erros terem virado sinônimo de ‘esquerda’ no Brasil de certa forma prejudicou a esquerda. Com ou sem o PT no governo, a esquerda continuará lá, onde sempre esteve. Mas atenção: alguns acham que este é um momento de inflexão e consequentemente de derrota para a esquerda no Brasil. Pois eu aposto que uma nova esquerda está prestes a surgir também aqui. (MENEZES, 2015b, p.17)

Seus principais defensores, segundo ela, “são pessoas de esquerda (e alguns da direita liberal) que gostam e respeitam meu trabalho e que acham importante existir contraponto à mídia convencional” (informação verbal). Pessoas que aos poucos vão se acostumando com a ideia de financiar um veículo em que acreditam, sem receber nada em troca além de conteúdo.

3.2 Financiamento coletivo

Quando anunciou a independência do *blog*, no início de 2015, Cynara Menezes disse que precisava de no mínimo 1.000 assinantes mensais para seguir escrevendo sobre os temas que lhe interessavam, provocavam e emocionavam, sem a pressão do noticiário. Não que pretendesse fechar o conteúdo do *blog* a alguém. Seus leitores podem pagar mensalmente (R\$ 5) ou anualmente (R\$ 10), via Paypal, ou doar a quantia que quiserem (por cartão de crédito ou depósito em conta corrente), sabendo que o fazem não em busca de recompensas, mas para que o

blog continue, e cresça, podendo se transformar em uma revista ou portal. Numa segunda etapa, para que ela possa produzir reportagens especiais, a ideia é criar campanhas específicas em plataformas de *crowdfunding*.

Como detalhou no texto “Aos meus leitores”, publicado no blog em 26 de dezembro de 2015:

O modelo que eu e muitos *sites* de esquerda no mundo propomos é distinto. O conteúdo continua livre para todos e a pessoa assina o site porque acredita nele e quer que continue existindo. É a completa subversão do modelo capitalista da mídia hegemônica. Em vez de pagar/assinar para ler, você paga/assina/doa porque sente identificação com o veículo. O site/blog/portal representa você, seu pensamento, e você quer que ele espalhe para mais gente os conteúdos de qualidade em que você acredita, realizando um dos princípios básicos do jornalismo, esquecido pela mídia convencional: disseminar conhecimento. Com um detalhe, tudo é feito de forma transparente; toda e qualquer mudança é comunicada ao leitor, como um coletivo.

Em abril de 2015, Socialista Morena tinha 200 assinantes. Em junho de 2016, o número passava dos 2.000 – o suficiente para a jornalista se manter e pagar os gastos com o *blog* (por exemplo, o pagamento do designer). As opções de assinatura mudaram, com opções de pagamento de R\$ 5, R\$ 10 ou R\$ 20 por mês, ou R\$ 10, R\$ 50 ou R\$ 100 por ano. A próxima etapa, como antecipou em entrevista em 26 de junho de 2016, é contratar um jornalista para aumentar as postagens, e com isso, o fluxo de visitação, o que lhe dará mais renda com os *adsenses*³⁴.

3.2.1 Os anunciantes do blog

No início de 2015, além de convocar os leitores a se transformarem em assinantes, a jornalista dizia que doadores e anunciantes também eram bem-vindos, “mas com critérios”. Podiam anunciar no *blog* “empresas privadas que respeitem seus trabalhadores e o meio ambiente, e que sejam norteadas pela ideia de que todos crescem juntos e não pela exploração do homem pelo homem”, segundo especificou no texto “*Self-made journalist* (ou jornalista de mim mesma), uma experiência”, publicado no *blog* em 8 de março de 2015,

³⁴ AdSense é um programa de afiliados criado pelo Google, um serviço gratuito em que os editores de websites se inscrevem para publicar anúncios contratados na plataforma de publicidade do Google e ganhar uma remuneração pela exibição.

A primeira empresa a se interessar foi uma marca de camisetas e acessórios com venda *on-line*, chamada “Contém 1 Cérebro”. Em uma parceria, um “programa de afiliados”. De cada camiseta que o anunciante vendesse de cliques feitos a partir do *blog*, ela ganhava 5%. No caso das camisetas contra o *impeachment*, criadas por ela e o *designer* do *blog*, Maneco Magnésio Guimarães, 50% do valor líquido (fora os custos de produção) iam para Socialista Morena. Dessa metade, 50% para o *blog* e 50% para o *designer*. O anunciante não pagava nada para ter o *banner* na página.

Passado pouco mais de um ano, em junho de 2016, o *blog* seguia sem anunciantes fixos, mas com espaços abertos para o *adsense*, os anúncios aleatórios do Google. “Fizemos um bloqueio de anunciantes que não interessam por chocar frontalmente com as ideias do *blog*, como bancos, carros, governos, lojas de *fast food*. O resto entra: roupas, cosméticos, anúncios educacionais...”, especificou em entrevista à pesquisadora.

Quando viram que o Facebook também permitia anúncios no alto da página, em junho de 2016, ela e o *designer* do *blog* criaram canecas e camisetas (FIGURA 3) com a estampa da Socialista Morena (a imagem que está no alto do *blog* e como foto de capa da página do Facebook) e colocaram fotos dos produtos na *timeline*, acompanhados dos preços, só para ver no que dava. Muita gente se interessou, e eles tiveram que correr para produzir um estoque que não tinham.

Figura 3 – Produtos à venda na loja do Facebook



Fonte: Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena>>. Acesso em: 2 ago. 2016

“As pessoas queriam a caneca para colocar na mesa de trabalho, uma forma de marcar posição” (informação verbal), comentou Cynara, referindo-se à polarização esquerda *versus* direita em tempos de processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Às críticas de que havia se “vendido ao capitalismo”, ela respondeu com um *post* provocativo no Facebook, em 14 de julho de 2016, dizendo que estava decidida a investir no ramo das porcelanas e que levaria para a loja do blog vários modelos de canecas, xícaras e tigelas Socialista Morena, “para tomar café e comer iogurte com granola pensando em socialismo logo cedo”. Um prato cheio para os *haters*.

3.3 “Bolivariana, sim, e daí?”

Em junho de 2015, três meses depois de despedir-se da mídia impressa, anunciando que havia pedido demissão da *Carta Capital* para dedicar-se exclusivamente ao *blog* Socialista Morena, Cynara Menezes recebeu um convite de Wagner Nabuco, diretor geral da *Caros Amigos*, para escrever mensalmente na revista autodenominada “a primeira à esquerda”. Desde então ela mantém a coluna “Boteco Bolivariano”, em que fala um pouco de tudo, literatura, política, religião, sexualidade, feminismo...

Ao estreitar a coluna na *Caros Amigos*, em 19 de junho de 2015, Cynara disse que ainda tinha fé na sobrevivência do impresso, mais por revistas como aquela do que pelos veículos da chamada “grande imprensa”, que não vêm dando motivação aos leitores para comprá-los. É o que a maioria hoje parece pensar: se os jornais não oferecem nada de mais interessante do que se lê de graça – e melhor – na internet, para que gastar dinheiro com eles?

Na revista, a ideia é abordar temas que despertem reflexão, coisas que poderia debater tranquilamente com os amigos diante de uma cerveja gelada numa mesa de bar. O “bolivariano³⁵” que acompanha o nome do boteco imaginário foi

³⁵ Em “Você sabe o que é o bolivarianismo?” (*Carta Capital*, 7/11/2014), Marsílea Gombata explica que o termo provém de Simón Bolívar, general venezuelano do século 19 que liderou os movimentos de independência da Venezuela, da Colômbia, do Equador, do Peru e da Bolívia, e que o que se convencionou chamar de bolivarianos são os governos de esquerda na América Latina que questionam o neoliberalismo e o Consenso de Washington (doutrina macroeconômica ditada por economistas do FMI e do Banco Mundial).

escolhido também como uma resposta/provocação àqueles que odeiam o termo sem parar para refletir sobre o que significa.

Cynara gosta de reforçar que é “bolivariana, sim, senhor” e que acha uma pena que os partidos de esquerda no Brasil não tenham se interessado em assumir o bolivarianismo, talvez por medo da má imagem que a “mídia de direita” deu à expressão depois que Hugo Chaves assumiu a presidência da Venezuela, em 1999. Seguidor declarado das ideias de Simón Bolívar, Chaves falava em “socialismo do século XXI” e usava o termo “revolução bolivariana” para referir-se a seu governo (GOMBATA, 2014).

Adoro a ideia de uma América Latina unida e forte, com um modelo próprio de crescimento, onde os de baixo venham junto em vez de serem pisoteados. Não à toa, nosso continente, com vários presidentes progressistas à frente há quase 20 anos, tem apresentado queda na desigualdade social, enquanto o mundo “desenvolvido” experimenta o inverso, um fosso cada vez maior entre ricos e pobres. [...] Digo mais: sinto muitas, enormes saudades do comandante Hugo Chávez. Quando toco no nome dele nas redes sociais, recebo uma chuva de insultos, como se estivesse elogiando Satanás na Terra e não o homem que foi capaz de reviver a chama do socialismo, com todas as letras, na América Latina. Que falta Hugo Chávez faz ao mundo! (MENEZES, 2015a)

“Bolívar” também foi o nome que a jornalista deu à revista que pretende criar como um guia de leitura para a esquerda em diversos idiomas. Em 26 de junho de 2016, a página da Revista Bolívar estreou no Facebook. No dia seguinte, Cynara explicava o nome num *post*: “A luta de Simon Bolívar era por uma América Latina unida, coesa, forte. É isto que queremos quando defendemos o bolivarianismo: uma América Latina soberana, coisa que todo mundo deveria desejar”.

A Revista Bolívar ainda é um projeto em construção. Cynara referiu-se a ele no *blog*, em texto do fim de 2015, em que agradecia aos leitores pelo primeiro ano de independência e falava de contas e planos. De acordo com os cálculos dela, se todos os seguidores da Socialista Morena no Facebook fizessem a assinatura do *blog*, a 10 reais por ano, a Bolívar -- “uma revista *online* assumidamente socialista” (2015) - poderia nascer imediatamente.

As metas, entretanto, vêm em etapas. Chegar aos 2 mil assinantes mensais, segundo a jornalista, era o necessário para o *blog* continuar a existir. Conseguiu. Com 4 mil assinantes, ela teria a possibilidade de contratar mais um jornalista para aumentar o número de postagens e alimentar a página do Socialista

Morena no Facebook com conteúdo exclusivo. Chegando a 6 mil, poderia contratar também um *designer* para trabalhar exclusivamente para o Socialista Morena.

Dez mil assinantes seriam necessários para pensar em ter uma redação própria com uma pequena equipe. Nasceria, então, a Bolívar. E se a revista chegar a 20 mil assinantes mensais, poderá ter mais reportagens exclusivas e colunistas, todos remunerados. Cynara não acredita em produção jornalística sem retorno financeiro, ou seja, grátis. Para ser assim (como fazem muitos *sites*), prefere continuar como está.

Diferentemente da *fanpage* da Socialista Morena, a página da revista Bolívar no Facebook – além de trazer todos os textos com as maiúsculas em seus lugares – tem o objetivo de ser um guia de leituras para a esquerda, reunindo matérias (em vários idiomas) e ideias que contribuam para a construção de uma América Latina soberana e unida. Em 9 de julho de 2016, Cynara definiu o que considerava a epígrafe ideal: “Jornalismo contra o capitalismo”.

Nos dias seguintes, numa frequência bem inferior à da Socialista Morena, compartilhou ali textos sobre as eleições presidenciais norte-americanas (segundo ela, uma disputa direita *versus* direita, a direita fascista contra a “direita Wall Street”), a expansão do movimento Black Lives Matter (de Louisiana a Londres), e histórias como a de Oliver Law, um herói afro-americano na guerra civil espanhola.

Passado um ano da primeira coluna publicada na revista *Caros Amigos*, a conversa do “Boteco Bolivariano” ganhou outro tom, bem mais sombrio que o dos primeiros tempos. Com o afastamento de Dilma Rousseff da Presidência da República e a chegada do governo interino de Michel Temer, o cenário deixou de ser favorável para os defensores de uma mídia à esquerda, e Cynara Menezes previa dias difíceis para os jornalistas e blogueiros de oposição. Sabia que teria de tomar mais cuidado com as palavras e achava que fariam de tudo para tentar calá-la.

3.4 Socialista Morena, um estudo de caso: a metodologia

A fim de analisar como se dá a relação do jornalista blogueiro com seu público, que tipo de discurso apresenta, como se diferencia da mídia tradicional e como se insere no contexto de crise econômica, institucional e cultural no Brasil e no mundo de hoje, optei pela realização de um estudo de caso, tendo por objeto o *blog* Socialista Morena, da jornalista Cynara Menezes.

Na opinião de Robert K. Yin (2010), o estudo de caso é um método relevante quando as questões da pesquisa procuram explicar alguma circunstância presente (por exemplo, “como” e “por que” algum fenômeno social funciona), e quando suas questões exigirem uma descrição ampla e profunda de algum fenômeno social.

Segundo Yin, o estudo de caso é preferido no exame dos eventos contemporâneos, mas quando os comportamentos relevantes não podem ser manipulados. O estudo de caso, portanto, conta com muitas das mesmas técnicas que a pesquisa histórica, mas adiciona duas fontes de evidência geralmente não incluídas no repertório do historiador: observação direta dos eventos sendo estudados e entrevistas das pessoas envolvidas nos eventos.

Uma vez que tinha definido o objeto de estudo, e os temas que deveria abordar para chegar à experiência de Cynara Menezes com o *blog* Socialista Morena – a formação de opinião e o jornalismo independente no contexto digital –, dei início à revisão da literatura a fim de identificar a produção relevante e as reflexões acerca da temática investigada.

De acordo com Hart (2009 *apud* SUANNO, 2015, p. 59), identificar a história da investigação em torno do objeto de pesquisa é requisito básico para que o investigador se familiarize com o tema investigado e construa a base para a pesquisa, possibilitando a identificação de áreas, questões e problemas a serem abordados na temática escolhida.

A análise documental foi outro procedimento metodológico adotado para complementar a pesquisa, levando em conta que Cellard (2008, p. 296) considera documento “qualquer objeto que comprove, elucide, prove ou registre um fato,

acontecimento”. Contexto, autenticidade, confiabilidade e palavras-chave foram levados em conta no processo de seleção e análise dos documentos.

Por fim, escolhi também como um instrumento metodológico a entrevista semiestruturada, que conforme Triviños (1987, p.146) “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade”, além de permitir a presença consciente do pesquisador no processo de coleta de dados e informações.

Quadro 1 – Coleta e análise de dados da pesquisa

COLETA DE DADOS	ANÁLISE
Revisão de literatura	Análise de conteúdo Categorias previamente definidas
Análise documental	Análise de conteúdo
Entrevista semiestruturada	Análise de conteúdo

Fonte: Do autor

Ciente das informações que buscava no objeto de estudo, depois de algumas conversas informais (presenciais, não gravadas) com a jornalista Cynara Menezes, fiz entrevistas semiestruturadas em duas ocasiões – uma, em abril de 2015, por Messenger; outra em junho de 2016, por *e-mail*, para atualizar os dados do ano anterior, complementar e checar novas informações.

Antes e depois de enviar as perguntas a Cynara, acompanhei e analisei textos publicados no *blog* e na página do Facebook da Socialista Morena, levando em conta quesitos como os *posts* mais populares e os tópicos mais abordados (*tags*). O livro “Zen socialismo (os melhores *posts* do *blog* Socialista Morena)”, lançado em novembro de 2015 pela Geração Editorial, também serviu como referência para a análise documental.

Formaram parte da documentação, especialmente, os textos em que a jornalista fala sobre sua prática profissional ou mistura notícias com memórias, dando a conhecer um pouco mais de seus pensamentos e história de vida. O perfil de formadora de opinião vem de longe, de quando a jornalista estava na casa dos

20 anos, e esse foi um dos temas das conversas presenciais antes das mensagens que trocamos por e-mail para esclarecer alguns pontos.

No fim de junho de 2016, pedi à jornalista que configurasse o meu perfil como “analista” da página da Socialista Morena no Facebook para poder obter mais informações sobre as publicações, reações aos *posts*, além dos perfis dos seguidores. Assim, pude ver qual foi o alcance orgânico (não há *posts* patrocinados no Facebook da Socialista Morena) e quais foram os *posts* de maior engajamento (compartilhamentos, curtidas e comentários) entre os 902 publicados no período que propus para a análise, entre 6 de abril e 6 de julho de 2016.

Esses três meses não foram escolhidos ao acaso. Como Cynara Menezes me disse em entrevista que o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff havia aumentado significativamente o número de fãs da Socialista Morena nos *sites* de redes sociais (foram mais de 130 mil de fevereiro a julho de 2016), considerei que esse período seria de interesse da análise. Até porque marcou uma mudança curiosa de posição: de “jornalista de situação” – “chapa-branca”, como acusavam seus detratores –, ela passou a “jornalista de oposição”.

A ideia inicial era ter como ponto de partida o dia da votação da admissibilidade do processo de impeachment na Câmara dos Deputados, 17 de abril. No entanto, decidi começar um pouco antes para ver se a votação, ou a expectativa em torno dela, alteraria consideravelmente a audiência da Socialista no Facebook. A data escolhida para o início foi 6 de abril, dia em que a Socialista Morena anunciou aos seguidores que havia ultrapassado a marca de 11 milhões de pessoas alcançadas no Facebook naquela semana. Para ela, era um sinal claro de que quanto mais atacada, mais forte ficava.

4 SOCIALISTA MORENA EM NÚMEROS: ANÁLISE DOS DADOS

No dia 6 de abril de 2016, às 14:46, Cynara Menezes postou uma imagem no Facebook da Socialista Morena que recebeu 2.359 curtidas, 96 comentários e 29 compartilhamentos: um *printscreen* com os números da página naquela semana: 11.095.845 pessoas alcançadas; engajamento dos *posts*, 1.020.255 (FIGURA 4). No alto da foto, uma ameaça/constatação: “é o que digo: quanto mais eles me atacam, mais eu cresço. e vai aumentar. ação e reação ;)”.

Figura 4 – Post comemorativo: ação e reação



Fonte: Facebook. Publicado em 6 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena/photos>>. Acesso em: 2 ago. 2016

No mesmo dia, horas mais tarde, às 20:33, uma outra foto teria alcance bem maior: 62.917 *likes*, 4.179 comentários e 7.174 compartilhamentos. O *post* reproduzia uma piada do Twitter creditada a “Paulo”: “Eu estava no metrô, aí o cara gritou pra mim ‘olha um comunista de iPhone! cadê o orelhão?’ e eu respondi ‘olha um capitalista no metrô! cadê a BMW?’” Da jornalista, apenas um comentário no alto: “hahahaha”.

Ainda neste 6 de abril, às 17:31, entrou o *link* de uma nova postagem do *blog* Socialista Morena: “Michael Moore mostra o que é viver num país sob a ditadura do mercado financeiro”. No texto, Cynara Menezes cita o documentário *Capitalismo, uma história de amor*, do cineasta norte-americano Michael Moore, para questionar qual seria o interesse do mercado financeiro em derrubar Dilma Rousseff. Os números: 741 comentários, 2.784 *likes* e 810 compartilhamentos.

Estes três *posts* de 6 de abril de 2016 representam três características constantes na página do *blog* Socialista Morena no Facebook: o humor, as provocações aos opositores “direitistas” (que ela gosta de chamar de “reaçada”, “reaças”, “coxas”) e o tom educativo, para fazer pensar. Eles estiveram presentes até o fim do período em questão, em maior ou menor grau, a depender da semana, do tema político a dominar o noticiário.

No último dia do período analisado, 6 de julho, a Socialista Morena fez 13 publicações, entre 7:22 e 18:36. Algumas de menos repercussão, como o *post* “Sessão dupla no Cine Morena”, sobre documentários a respeito do grupo Novos Baianos (189 *likes*), e o *podcast* “Vai pra Cuba” (“só os esquerdopatas”, 209 *likes*), e outras mais, como o protesto (5.490 *likes*) feito à moda antiga, com uma máquina rotuladora e apenas uma palavra: “primeiramente” (FIGURA 5).

Figura 5 – Protesto atual à moda antiga: rotulador manual



Fonte – Facebook. Publicado em 6 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena/photos>>. Acesso em: 2 ago. 2016

Ao longo dos três meses escolhidos para a análise (de 6 de abril a 6 de julho de 2016), 902 *posts* foram publicados na página do *blog* Socialista Morena no Facebook, categorizados como fotos, *links*, *status*, vídeos e vídeos compartilhados.

Nesse período, a Socialista Morena ganhou 83.878 novos “fãs” no Facebook. Em cinco meses (de 6 de fevereiro a 6 de julho de 2016), foram 133.872 novas “curtidas” na página. Os meses que mais tiveram novos *likes* foram março (40.072, entre 6 de março e 6 de abril), abril (46.611, entre 6 de abril e 6 de maio) e maio (30.728, entre 6 de maio a 6 de junho).

Tabela 1 – Comparativo de *likes* do *fb.com/socialistamorena* entre 06/02/2016 e 06/07/2016

Data	Total de curtidas da página Socialista Morena	Quantidade de novos <i>likes</i> em relação ao mês anterior
06/02/2016	226.294 <i>likes</i>	
06/03/2016	236.216 <i>likes</i>	9.922
06/04/2016	276.288 <i>likes</i>	40.072
06/05/2016	322.899 <i>likes</i>	46.611
06/06/2016	353.627 <i>likes</i>	30.728
06/07/2016	360.166 <i>likes</i>	6.539

Fonte: Produzido pelo autor do trabalho com os dados coletados no Facebook Insights em jul.2016

Tabela 2 - Comparativo de *likes*, *unlikes* e engajamento entre 06/02/2016 e 06/07/2016

Data	Total de pessoas que deram “curtir” na página do blog Socialista Morena	Número de novos <i>likes</i> da página neste dia	Número de <i>unlikes</i> na página neste dia	Engajamento de usuários da página (cliques e ações)
06/04/2016	276.288	1280	150	158.262
17/04/2016	295.316	8656	563	391.419
18/04/2016	299.922	5170	350	246.851
21/04/2016	308.322	4505	271	215.334
22/04/2016	311.901	3370	285	185.832
12/05/2016	332.049	5906	571	328.206
13/05/2016	334.311	2491	241	147.291
23/05/2016	344.841	2577	239	240.196
24/05/2016	346.641	2044	216	150.366

Fonte – Produzido pelo autor do trabalho com os dados coletados no Facebook Insights

O período em análise engloba as duas sessões de votação do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, na Câmara e no Senado. Foram os dias de maior número de *posts* e novos *likes* na página do blog no Facebook.

Em 17 de abril de 2016, dia da votação na Câmara, 8.656 pessoas curtiram a página da Socialista Morena – no dia seguinte, mais 5.170. O “descurtir” também nunca foi tão clicado como neste 17 de abril (563 *unlikes*), em que Cynara postou 27 vezes, das 8:15 às 20:13. Em 12 de maio de 2016, dia de votação no Senado, foram 29 *posts* entre 3:46 e 19:35. Na véspera, outros 29 foram publicados das 7:00 às 21:45. Neste dia, a página teve 5.906 novos *likes* e 571 *unlikes*.

Tabela 3 – *Posts* com maior engajamento entre 06/04/2016 e 06/07/2016 (ordem cronológica)

Data	Tipo de post	Comentários	Curtidas	Compartilhamentos
06/04/2016	foto	4.179	62.917	7.174
10/04/2016	vídeo	20.896	74.952	17.305
17/04/2016	foto	974	31.503	6.168
17/04/2016	status	2.069	46.126	4.415
17/04/2016	status	1.540	49.470	6.839
17/04/2016	foto	4.688	95.535	20.644
17/04/2016	status	1.229	45.215	4.687
17/04/2016	foto	2.058	29.758	3.212
18/04/2006	foto	3.271	77.002	17.734
20/04/2016	status	1.106	26.677	1.430
20/04/2016	foto	823	26.534	3.573
21/04/2016	foto	3.240	103.310	13.438
21/04/2016	foto	1.207	23.663	2.632
05/05/2016	link	2.979	29.678	4.956
05/05/2016	vídeo	1.084	24.708	6.053
11/05/2016	link	3.674	32.873	6.803
11/05/2016	link	4.686	40.974	13.946
12/05/2016	foto	2.811	45.429	9.273
12/05/2016	link	2.108	22.925	3.733
12/05/2016	foto	1.347	37.844	5.297
12/05/2016	foto	12.547	40.773	8.167
20/05/2016	foto	2.618	31.385	3.569
23/05/2016	foto	2.641	32.308	7.599
23/05/2016	foto	13.997	68.836	16.126
23/05/2016	vídeo	4.071	26.265	6.573
24/05/2016	foto	2.542	25.873	2.160
25/05/2016	foto	21.469	62.413	12.404
04/06/2016	foto	4.280	61.520	13.167
09/06/2016	link	1.736	35.519	5.301
21/06/2016	link	3.487	45.039	4.791
27/06/2016	foto	3.446	47.265	8.006
05/07/2016	foto	2044	53.824	3.354

Fonte: Produzido pelo autor do trabalho com os dados coletados no Facebook Insights em jul.2016

Os cinco *posts* mais compartilhados neste período foram os seguintes:

1) 20.644 compartilhamentos – postagem de 17 abril de 2016, às 15:09

Uma foto do ator Marlon Brando como “O Poderoso Chefão” (FIGURA 6), com a frase “Por minha *famiglia*, voto sim”. Publicada no dia da votação do processo de impeachment na Câmara dos Deputados. Pessoas alcançadas: 2.035.253.

Figura 6 – O Poderoso Chefão no dia da votação na Câmara: “Por minha *famiglia*, voto sim”



Fonte: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena>>. Acesso em: 2 ago. 2016

2) 17.734 compartilhamentos – postagem de 18 de abril de 2016, às 11:40

Uma frase do filósofo Noam Chomsky: “O povo em geral não sabe o que está ocorrendo nem sequer sabe que não sabe” (FIGURA 7). Publicada um dia depois da votação do impeachment na Câmara. Pessoas alcançadas: 1.783.621.

Figura 7 – Frase de Noam Chomsky para o dia seguinte à votação na Câmara



Fonte: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena>>. Acesso em: 2 ago. 2016

3) 17.305 compartilhamentos – postagem de 10 de abril de 2016, às 10:24
 Nas palavras da Socialista, trecho do debate entre a presidente da UNE, Carina Vitral, e o “líder ‘intelectual’ dos reações”, Kim Kataguiri (FIGURA 8).

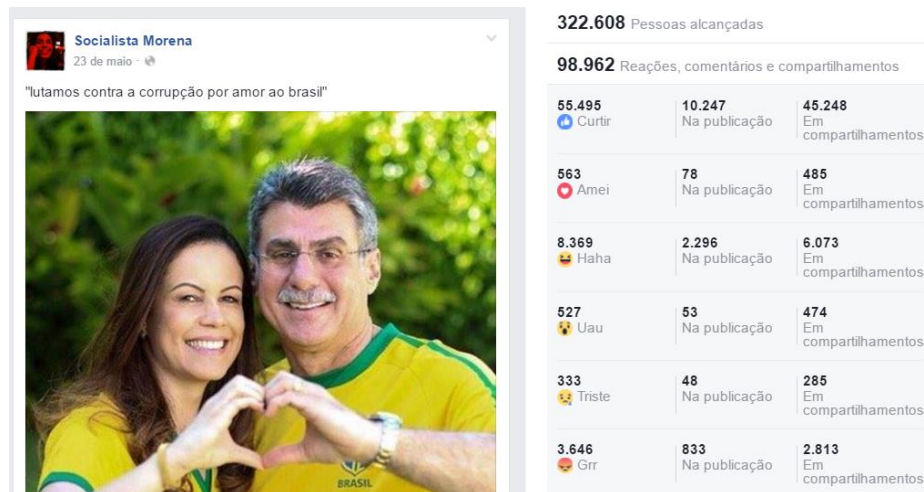
Figura 8 – Vídeo do debate entre Carina Vitral e Kim Kataguiri



Fonte: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena>>. Acesso em: 2 ago. 2016

4) 16.126 compartilhamentos – postagem de 23 de maio de 2016, às 15:24
 Uma foto do senador Romero Jucá com a mulher, fazendo coração com as mãos (FIGURA 9), e os dizeres: “Lutamos contra a corrupção por amor ao Brasil”. Publicada no dia em que ele anunciou sua “licença” do cargo de ministro do Planejamento, após o vazamento de áudio em que sugere um "pacto" para barrar a Operação Lava Jato. A exoneração foi publicada no dia seguinte.

Figura 9 – Romero Jucá na véspera da exoneração: “Lutamos contra a corrupção”



Fonte: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena>>. Acesso em: 2 ago. 2016

5) 13.946 compartilhamentos – postagem de 11 de maio de 2016, às 10:55
Um *gif* intitulado *#GolpistasDay* (FIGURA 10). Publicado na véspera da votação da admissibilidade do impeachment de Dilma Rousseff no Senado Federal.

Figura 10 – Golpistas Day: a véspera da votação no Senado



Fonte: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena>>. Acesso em: 2 ago. 2016

Os cinco *posts* com mais curtidas, em ordem decrescente:

1) 103.310 *likes* – postagem de 21 de abril de 2016

Uma foto comparando o tratamento dado pelo jornal *Folha de S.Paulo* e pelo portal *G1* à mesma notícia (FIGURA 11): “Mulher negra abolicionista estampará nota de US\$ 20 no lugar de escravocrata” (*Folha*) e “Escrava substituirá presidente Jackson em notas de US\$ 20” (*G1*).

Figura 11 – Abolicionista x escrava: dois olhares



Fonte: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena>>. Acesso em: 2 ago. 2016

2) 95.535 *likes* – postagem de 17 de abril de 2016

Foto de “O poderoso chefão” (*ver imagem p. 48*)

3) 77.002 *likes* – postagem de 18 de abril de 2016

Frase de Noam Chomsky (*ver imagem p.48*)

4) 74.952 *likes* – postagem de 10 de abril de 2016

Debate entre Carina Vitral e Kim Kataguiri (*ver imagem p.49*)

5) 68.836 *likes* – postagem de 23 de maio de 2016

“Lutamos contra a corrupção por amor ao Brasil” (*ver imagem p.49*)

Os cinco mais comentados:

1) 21.469 comentários – postagem de 25 de maio de 2016, às 10:14

“Mais Alexandre Frota, menos Paulo Freire”. Foto do dia em que o ministro da Educação, Mendonça Filho, recebeu o ator Alexandre Frota para ouvir suas “propostas para o ensino” no país (FIGURA 12). Pessoas alcançadas: 2.203.036.

Figura 12 – Alexandre Frota e a “escola sem partido”



2.203.036 pessoas alcançadas

Impulsionar publicação

Fonte: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena>>. Acesso em: 2 ago. 2016

- 2) 20.896 comentários – postagem de 10 de abril de 2016
Debate entre Carina Vitral e Kim Kataguiri (*ver imagem p.49*)
- 3) 13.997 comentários – postagem de 23 de maio de 2016
“Lutamos contra a corrupção por amor ao Brasil” (*ver imagem p.49*)
- 4) 12.547 comentários – postagem de 12 de maio de 2016, às 13:58
“Vocês não verão nada mais patético hoje do que o Twitter do senador Cristovam Buarque. Que morte horrível” (FIGURA 13).

Figura 13 – Cristovam Buarque no Twitter: “morte horrível”



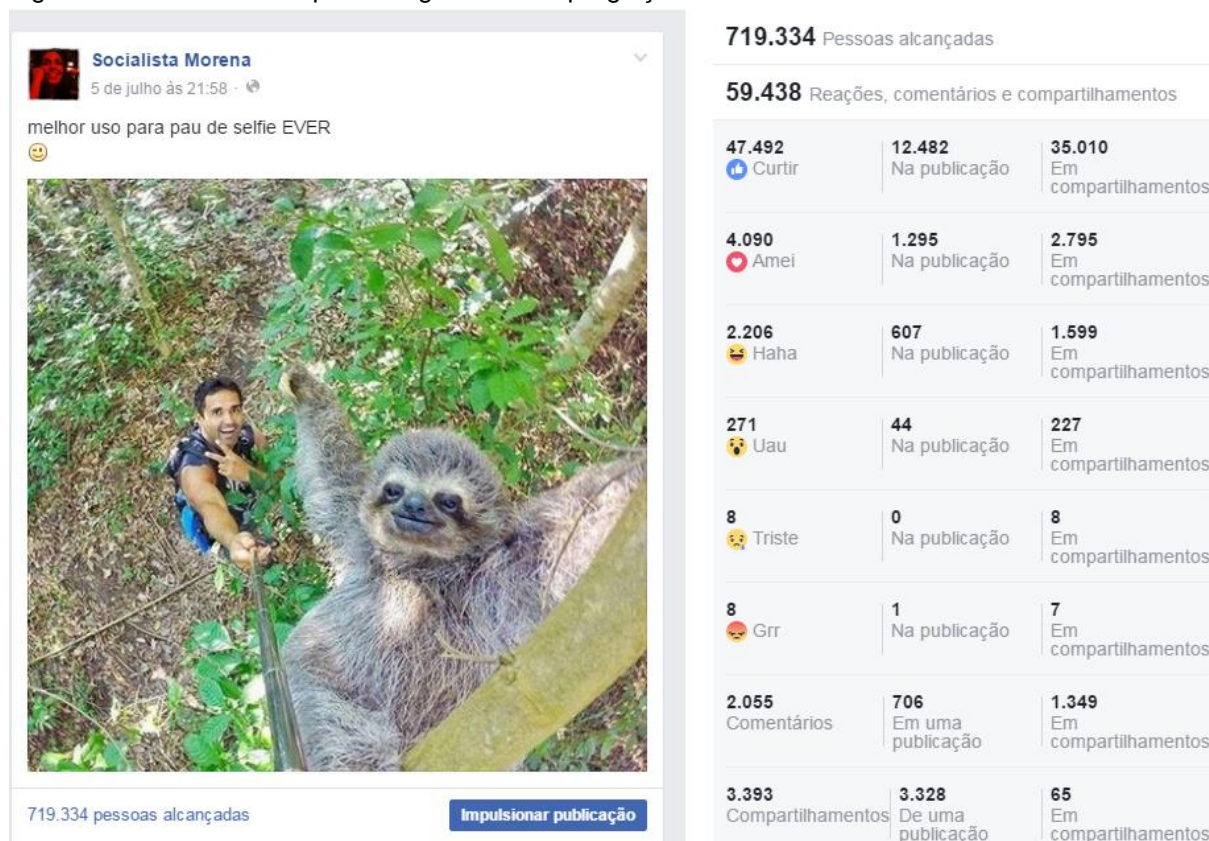
Fonte: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena>>. Acesso em: 2 ago. 2016

- 5) 4.688 comentários – postagem de 17 de abril de 2016
Foto de “O poderoso chefe” (*ver imagem p.48*)

A análise dos dados nos mostra que, de maneira geral, os *posts* mais comentados, curtidos e compartilhados da Socialista Morena são os que tratam de política, em especial os mais provocativos, a exemplo do que traz a frase “Mais Alexandre Frota, menos Paulo Freire”.

A ironia aparece com frequência nas postagens. Algumas vezes, no entanto, o humor está distante dos temas políticos. Uma das fotos de maior repercussão no período analisado, por exemplo, é uma de 5 de julho, em que um homem leva o chamado “pau de selfie” (cabo que serve de suporte para câmera) na direção da copa de uma árvore. À frente da câmera, quem aparece fazendo pose é um bicho-preguiça (FIGURA 14). Em 15 de julho de 2016, esta imagem contava com 53.824 *likes*, 2.044 comentários e 3.354 compartilhamentos.

Figura 14 – Pau de *selfie* para fotografar bicho-preguiça



Fonte: Facebook. Publicado em 5 jul. 2016. Disponível em: <facebook.com/socialistamorena>. Acesso em: 5 ago. 2016.

4.1 *Esquerdismo way of life*: o que ela pensa e o que a diferencia da mídia convencional

A ideia de ter uma publicação com assuntos variados, ainda que a política esteja sempre em pauta, acompanha o *blog* Socialista Morena desde o início. Ao criar um espaço para escrever livremente textos opinativos, sem vergonha de se dizer socialista, Cynara Menezes também quis brincar com as ideias que lhe vinham à mente com esse “socialismo moreno”. Criou, inclusive, uma editoria chamada Maconha³⁶, com *posts* sobre a planta (o *blog* apoia a legalização) que levam títulos como “A maconha é uma nova *commodity*” (22 jun. 2016).

A seção de economia, ela dividiu em duas: “Kapital”³⁷ (notícias sobre a exploração capitalista) e “Trabalho”³⁸ (notícias a respeito de como vive o trabalhador brasileiro). Também criou uma seção chamada “Okupa”³⁹, dedicada ao ativismo real e virtual, e outra batizada de “Cine Morena”⁴⁰, para compartilhar os filmes que considera fundamentais e estão disponíveis no YouTube. Inventou, ainda, uma editoria chamada “Rolé”⁴¹ para dar dicas de viagens, lugares e pessoas a conhecer.

Textos antigos que ela escreveu para *Carta Capital* e *Folha de S.Paulo* são compartilhados com os leitores do *blog* na seção “Vintage”⁴². E “Camaradas”⁴³ é a parte em que entram pensamentos de personalidades como o físico Albert Einstein (tradução dela de um artigo escrito por ele em 1949), o escritor Eduardo Galeano (uma entrevista que ela fez com ele em Brasília), o arquiteto Lelé Filgueiras (um relato dele sobre uma viagem à China), o ex-presidente cubano Fidel Castro (um artigo escrito por ele e publicado no jornal *Granma*), o Papa Francisco (e seus discursos anticapitalistas).

Nesta mesma aba (“Camaradas” também se refere aos amigos que às vezes colaboram com um ou outro texto para esta seção), Cynara conta que quando tinha uns 20 anos decidiu pesquisar um modelo de socialismo que tivesse dado certo e não encontrou nenhum. Adorava a ideia de ser socialista, mas não

³⁶Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/category/maconha-2>>. Acesso em: 1 ago. 2016

³⁷Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/category/kapital>>. Acesso em: 1 ago. 2016

³⁸Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/category/trabalho-2>>. Acesso em: 1 ago. 2016

³⁹Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/category/okupa>>. Acesso em: 1 ago. 2016

⁴⁰Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/category/cine-morena>>. Acesso em: 1 ago. 2016

⁴¹Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/category/role>>. Acesso em: 1 ago. 2016

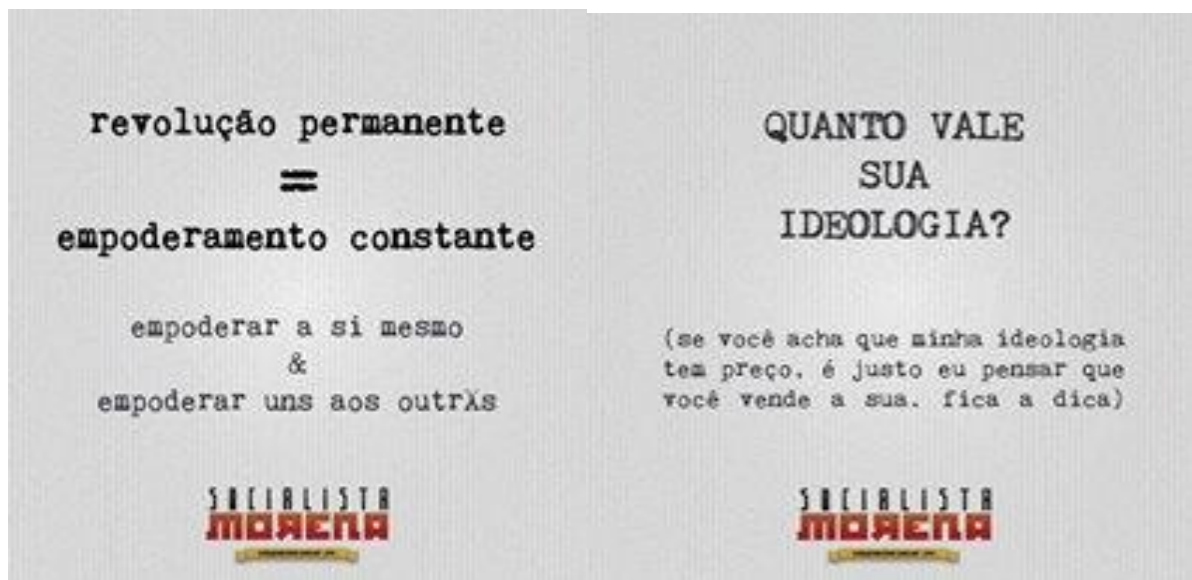
⁴²Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/category/vintage>>. Acesso em: 1 ago. 2016

⁴³Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/category/camaradas>>. Acesso em: 1 ago. 2016

conseguiu se encantar com o modelo cubano nem soviético, nada daquilo era o que sonhava, principalmente por não acreditar em socialismo sem liberdade. Por isso, quando queria citar um ídolo socialista, escolhia Paul Lafargue (1842-1911), o genro de Karl Marx. Autor de *O direito à preguiça* (1880), ele defendia que as 24 horas do dia fossem assim divididas: oito horas de trabalho, oito de sono e oito de lazer.

“Sou uma socialista da linha ‘lafarguista’. Creio, inclusive, que Lafargue apoiaria a ideia de reduzir ainda mais as horas de trabalho para que mais gente trabalhe, como defende o socialismo moderno, para solucionar o desemprego”. (MENEZES, 2015b, p.85)

Figura 15 – Memes educativos: ideologia e empoderamento



Fonte: Disponível em: <www.facebook.com/SocialistaMorena>. Acesso em: 2 ago. 2016

Cynara afirma não acreditar em revolução, e sim em revoluções. Acha que é possível revolucionar, sob a inspiração socialista, vários setores da sociedade, como a educação e a saúde, que deveriam ser públicas e gratuitas, ao contrário do que pensam os capitalistas. Ser socialista, para ela, não significa estar ligado a um partido político nem alcançar o poder, mas atuar como uma consciência coletiva (FIGURA 15), “um contrapeso na busca por mais equilíbrio no mundo” (MENEZES, 2015b, p. 27). O socialismo à luz do século XXI que ela enxerga seria, como ela brinca, um “zen socialismo”.

Eis os 12 mandamentos do esquerdista moderno, segundo Cynara Menezes (2015, p.19):

- I - Não ter o dinheiro como norte
- II – Respeitar o próximo como a ti mesmo (não precisa amar, respeitar está de bom tamanho)
- III – Não roubar o povo
- IV – Ser pacifista
- V – Amar a natureza
- VI – Ser contra o latifúndio, os transgênicos e o uso abusivo de agrotóxicos
- VII – Não perder a capacidade de se indignar
- VIII – Acreditar e lutar por direitos iguais para todos, independentemente de raça, credo, origem, condição social ou orientação sexual
- IX – Ser consciente da dívida histórica com índios e negros e apoiar políticas de ação afirmativa
- X – Ser um defensor intransigente da liberdade: de pensamento, de expressão, de culto, de ir e vir, cognitiva
- XI – Ser a favor do estado laico
- XII – Jamais se esquecer (ou se envergonhar) do que sonhava aos vinte anos de idade.

No *blog*, a jornalista fala do que acredita, do que gosta, do que acha engraçado – até para fugir do que chama de editoriais “engessadas”, “datadas”, da mídia convencional. Fala de tudo com uma liberdade que nunca havia experimentado em mais de duas décadas de profissão. Nem tudo, no entanto, é política. Mas é identificado com o que ela considera “de esquerda”.

E como é a “esquerda” quem dá as cartas no *blog*, o próprio Facebook, por meio de sua ferramenta de monitoramento, sugere à Socialista Morena o acompanhamento de páginas que considera “similares”, como “República Stalinista da Ilusão” (“O único lugar onde o socialismo deu certo”), “Resistência contra o Golpe”, “Nocaute – O Blog do Fernando Moraes”, “Bandeira Negra” (“Anarquismo, explicado e descomplicado”), “Mídia Ninja” e “Periferia Revolucionária”.

Ao analisar a lista de *tags* do *blog*, foram encontrados os seguintes temas:

ARTE ATIVISMO BRASIL CAPITALISMO CINEMA COMUNISMO CONSCIÊNCIA
 NEGRA CORRUPÇÃO CUBA DARCY RIBEIRO DILMA DIREITA DITADURA
 DOCUMENTÁRIO DROGAS ELEIÇÕES 2014 ESQUERDA EUA FEMINISMO
 FUTEBOL GOLPE GOLPE MILITAR HISTÓRIA HOMOSSEXUALIDADE HQ

HUMOR IMPEACHMENT JORNALISMO LITERATURA LULA MACHISMO
 MACONHA MÍDIA MÚSICA NEGRITUDE NEGROS POLÍTICA PT REAÇAS
 RELIGIÃO SAÚDE SEXUALIDADE SOCIALISMO VIDA ÍNDIOS

Quadro 2 – Temas mais abordados no *blog* (em número de *tags*) até 19 jul. 2016

• Literatura: 63	• Dilma: 34	• Comunismo: 33
• Jornalismo: 32	• Música: 31	• PT: 31
• Socialismo: 27	• Capitalismo: 26	• Cinema: 26
• Direita: 25	• Arte: 25	• Sexualidade: 24
• Esquerda: 21	• Impeachment: 10	• Maconha: 19
• Negritude: 19	• Feminismo: 18	• História: 18
• Saúde: 16	• Ativismo: 15	• Reaças: 15
• Machismo: 14	• Política: 12	• Homossexualidade: 12
• Religião: 11	• Negros: 11	• Darcy Ribeiro: 11
• Drogas: 11	• Consciência: 10	• Índios: 10

Fonte – Produzido pelo autor do trabalho com os dados coletados no blog Socialista Morena

Ainda que a política dê o tom do *blog* (no levantamento de *tags*, o tema se dilui em diferentes rótulos, como ativismo, comunismo, capitalismo, Dilma, esquerda e *impeachment*), chama a atenção o destaque dado à literatura (QUADRO 2). Cynara Menezes gosta de comentar obras que leu, ou que estão na lista de desejos dela. O leitor que busca suas dicas literárias pode encontrá-las por meio da *tag* #literatura. E todos os anos, em dezembro, ela publica a lista de livros e HQs do Socialista Morena (“Se é para gastar dinheiro, que se gaste com livros”, justifica).

Suas indicações passam por lançamentos, clássicos e infantis. Na lista de Natal de 2013, por exemplo, recomendou o livro *O homem que amava os cachorros*, em que o escritor cubano Leonardo Padura romanceia a vida e a morte de Leon Trotsky e de seu assassino, Ramón Mercader. Também indicou, entre outros, um relançamento do período, *Vida: Cruz e Sousa, Bashô, Jesus e Trotsky*, de Paulo

Leminski. Entre os clássicos, *O povo brasileiro*, de Darcy Ribeiro, e *A integração do negro na sociedade de classes* (vol. I e II), de Florestan Fernandes.

Há livros que, segundo ela, valem sempre a releitura, como *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, uma das obras fundamentais para conhecer a história do país, e *Viva o povo brasileiro*, o romance de João Ubaldo Ribeiro que se tornou um clássico ao recontar a história do Brasil durante 400 anos (de 1647 a 1977), no estilo picaresco que marcou a obra do autor.

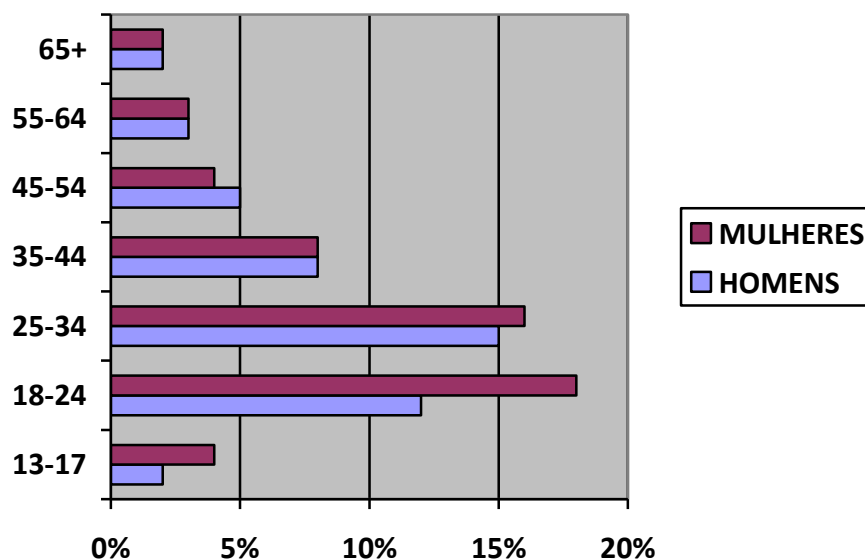
Na lista de gibis, os autores vão desde gênios da HQ, como Moebius (pseudônimo do francês Jean Giraud), até a revelação francesa Anne-Charlotte Gauthier (*O enterro das minhas ex*), passando por Joe Sacco (*Reportagens*), Ed Piskor (*Hip hop genealogia*) e Daniel Clowes (*Wilson*).

Os infantis recomendados também variam bastante de estilo. Ela já indicou tanto *O contador de histórias* — livro de Saki, um autor inglês nascido na Birmânia que escreve com humor peculiar umas histórias meio macabras — como *Ode a uma estrela*, em que o poeta chileno Pablo Neruda encanta crianças e adultos com a delicada história do homem que roubou uma estrela do céu.

4.2 Quem são os seguidores da Socialista Morena no Facebook

De acordo com dados do próprio Facebook, os fãs da página do blog Socialista Morena são em sua maioria mulheres (55%), na faixa entre 18 e 34 anos (34%). Especificando: os homens na faixa 13-17 anos são 2%; na faixa 18-24, 12%; 25-34, 15%; 35-44, 8%; 45-54, 5%; 55-64, 3%; 65 anos ou mais, 2%. Para as mulheres, as porcentagens são, respectivamente, 4%, 18%, 16%, 8%, 4%, 3% e 2%.

Gráfico 1 – Faixa etária dos fãs da Socialista Morena no Facebook (por gênero)

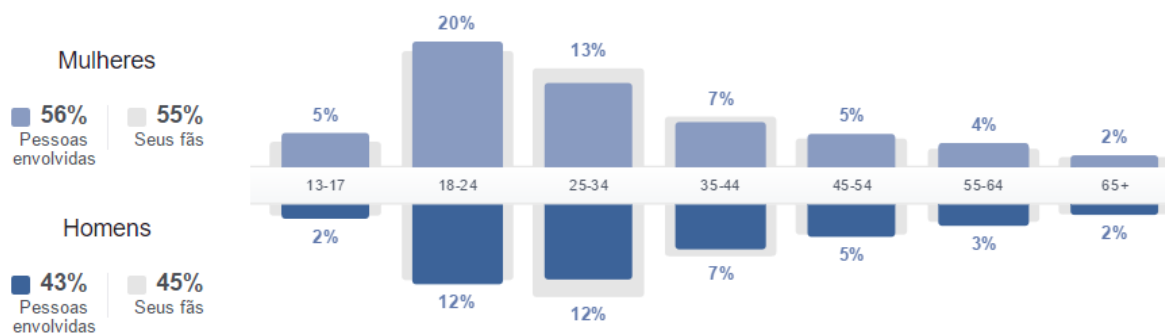


Fonte – Produzido pelo autor do trabalho com os dados coletados no Facebook Insights (Acesso em: 13 jul. 2016)

Ao comparar o percentual de fãs com o público alcançado e o público envolvido, em termos de gênero e faixa etária, não encontramos diferenças significativas. O número de pessoas alcançadas diz respeito àquelas que efetivamente visualizaram as postagens -- o que inclui amigos dos fãs que visualizaram um *post* compartilhado no feed de notícias. Já as pessoas envolvidas são aquelas que interagiram com a publicação, curtindo, comentando, compartilhando ou simplesmente clicando nela.

Gráfico 2 – Pessoas envolvidas com as publicações da página no Facebook

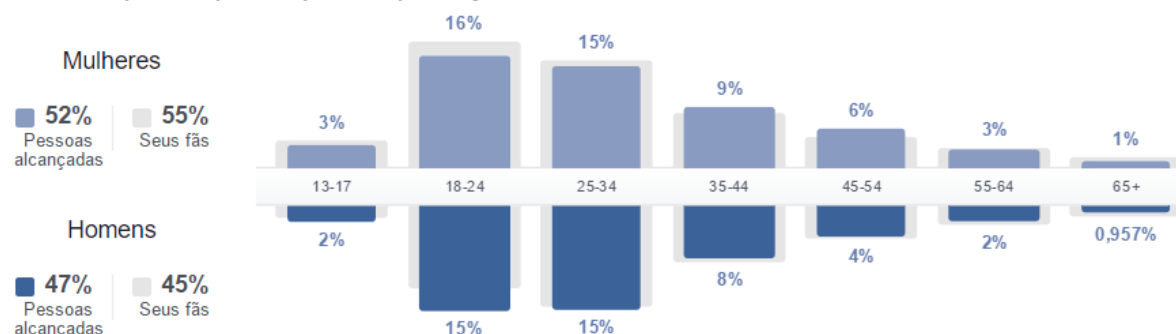
As pessoas que curtiram, comentaram ou compartilharam suas publicações ou se envolveram com sua Página nos últimos 28 dias.



Fonte: Facebook Insights

Gráfico 3 – Pessoas alcançadas com as publicações no Facebook

O número de pessoas para as quais sua publicação foi exibida nos últimos 28 dias.



Fonte: Facebook Insights

4.2.1 De onde vêm os “fãs” da Socialista Morena

Os fãs da Socialista Morena – aqueles que curtiram a página do blog no Facebook – residem nas principais capitais do país: São Paulo (13,8%), Rio de Janeiro (11,7%), Brasília (3%), Belo Horizonte (3%), Porto Alegre (2,6%), Salvador, (2,5%) e Fortaleza (2,5%). Depois do Brasil, os países que mais apresentam seguidores do blog são Angola, Estados Unidos e Portugal.

Quadro 3– Países e cidades onde residem os seguidores da página no Facebook

Países	Total de fãs	Cidades	Total de fãs
Brasil	351.123	São Paulo, SP	50.057
Angola	2.490	Rio de Janeiro, RJ	42.176
Estados Unidos	1.720	Brasília, DF	11.517
Portugal	1.590	Belo Horizonte, MG	10.726
Argentina	893	Porto Alegre, RS	9.381

México	681	Salvador, BA	8.880
Reino Unido	663	Fortaleza, CE	8.630
Moçambique	660	Recife, PE	7.419
Espanha	646	Curitiba, PR	6.819
França	627	Goiânia, GO	4.336

Fonte – Produzido pelo autor com os dados coletados no Facebook Insights em 13 jul. 2016

Uma curiosidade: os fãs têm seus navegadores configurados como idioma padrão: português do Brasil (333.892), inglês norte-americano (14.946), português de Portugal (6.309), espanhol (3.927), inglês do Reino Unido (3.697), francês (2.076), espanhol da Espanha (1.367), italiano (670), alemão (455) e árabe (144). [Dados atualizados em 13 de julho de 2016]

4.2.2 Que comentários fazem

Perguntei a Cynara Menezes quem eram seus principais detratores, ela disse que eram “jovens reacionários sem muita leitura, geralmente fãs do deputado Jair Bolsonaro”. Em outra entrevista, ao Projeto Lupa, comentou que vários desses ofensores – os chamados *haters* – são muito jovens, têm 13, 14 anos. E foi por conta deles, adolescentes em formação, que recentemente se deu conta de que não poderia dirigir o trabalho apenas àqueles que concordam com ela:

[...] É um erro. Se a gente abandonar, a direita vai tomar conta deles. Eles ainda estão em formação, a cabeça pode mudar, e a gente pode ser importante no momento de lançar essa reflexão, ou pelo menos fazer com que eles se tornem uma direita mais palatável. Porque existe uma direita mais palatável, não é só extrema direita que existe, né? (MENEZES, 2016a)

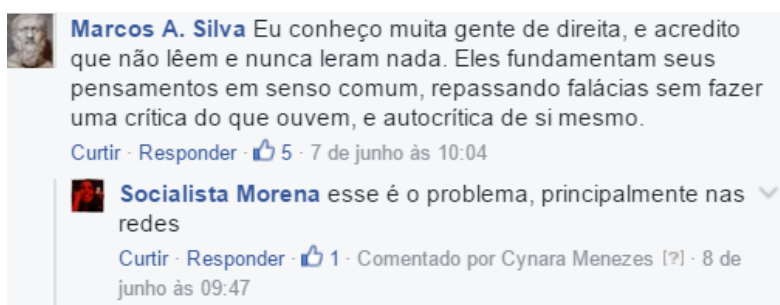
Em 6 de junho de 2016, a jornalista escreveu no *blog* e no Facebook que não tinha “absolutamente nada” contra as pessoas de direita. Disse que ser de direita ou de esquerda são apenas formas de ver o mundo e, conseqüentemente, cada uma tem sua. A extrema-direita, esta sim, ela não tolera. Mas quando se trata de lidar com jovens de direita, o que a incomoda mesmo é a falta de leitura, o despreparo para o que ela considera fascinante na política: o debate de ideias.

Neste mesmo *post*, além de provocar os colegas “rivais” (“Não há como debater política com gente que só leu Olavo de Carvalho na vida ou que alimenta seu intelecto com a revista Veja e seus colunistas”), Cynara não poupa ironia ao referir-se aos detratores: “vocês podem mais, reaçada! aqui vão dicas de livros para o reacinha que quer debater com esquerdopatas com sustança”.

Abaixo, um trecho do texto intitulado “Menos Olavo de Carvalho, mais Vargas Llosa: dicas de leitura para jovens de direita”⁴⁴, que em 15 de julho contabilizava 5.015 *likes*, 676 compartilhamentos e 674 comentários:

É chato, para a esquerda, ficar lendo o tempo todo coisas como “Vai para Cuba”, “Vai para a Coreia do Norte”, “chola mais”, “aceita que dói menos”, “me diga um país onde o socialismo deu certo”, “não sei o que da Venezuela” e outras frases que já lemos um milhão de vezzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzes. O jovem brasileiro é inteligente, seja de esquerda ou de direita. Mas se esforcem mais, não aceitem formar seu pensamento pela diluição vinda da internet ou por apresentadores de televisão sem estofo. Coxinha, o nome já diz, tem que ter recheio!

Figura 16 – Comentário sobre as “dicas de leitura para a direita”



Fonte: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena>>. Acesso em: 2 ago. 2016

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/dicas-de-leitura-para-jovens-de-direita/>>. Acesso em 5 ago. 2016.

Em 11 de abril de 2016, a Socialista Morena compartilhou um vídeo do coletivo de humor Porta dos Fundos que parecia feito para ela ("Reunião de Emergência 3", com 4.665.483 visualizações no YouTube em 20 de julho de 2016). "Porta dos Fundos tirando onda dos reações que os acusaram de receber dinheiro para fazer humor e para se posicionar politicamente", escreveu na *timeline*.

No vídeo, os atores, vestidos com camisetas da CUT e do PT, faziam brindes ao comunismo, repetiam Che (Guevara), comentavam os R\$ 7,5 milhões que haviam ganhado para falar bem do governo. Em determinado momento, Gregório Duvivier (FIGURA 17), comendo caviar na latinha e bebendo champanhe, "confessa": "Gente, não consigo disfarçar, é mais forte que eu. Lula é um ladrão que roubou meu coração".

Figura 17 – Gregório Duvivier no vídeo "Reunião de Emergência 3"



Fonte: YouTube. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=bE8RWk0YY3I&feature=youtu.be>>. Acesso em 2 ago. 2016.

A publicação deste vídeo na *fanpage* da Socialista Morena rendeu 136 comentários, 2.089 curtidas, 151 compartilhamentos e 67.795 pessoas alcançadas (FIGURA 18). Três meses depois, o número de comentários visíveis ao público era de 51, menos da metade do total informado no Facebook Insights. Explica-se: ela exclui aqueles que considera muito ofensivos.

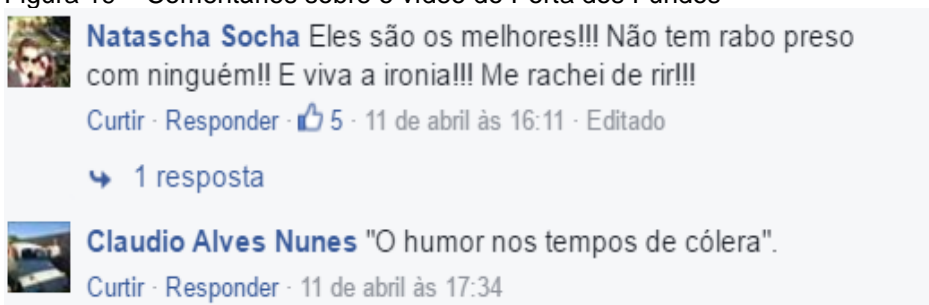
Figura 18 – Reações ao post com o vídeo do Porta dos Fundos

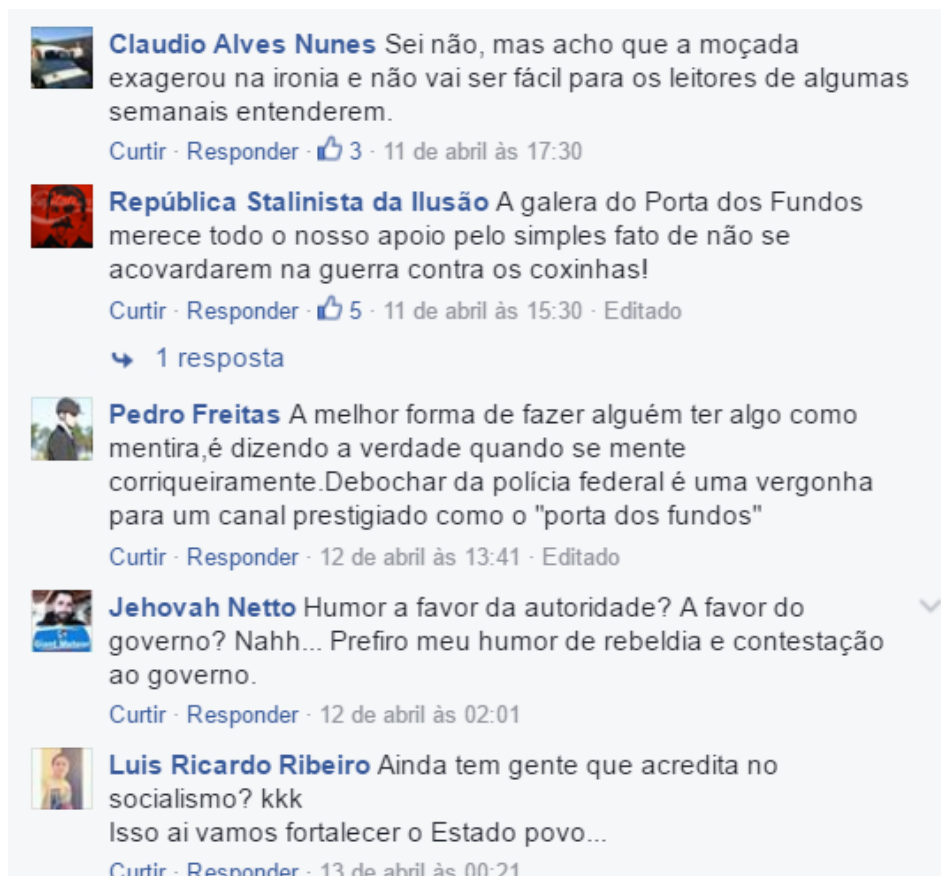


Fonte: Facebook Insights (dados atualizados em 1 ago. 2016)

Entre os comentários que permaneceram visíveis neste *post* (FIGURA 19), cito um irônico (“Ainda tem gente que acredita no socialismo? Kkk. Isso aí, vamos fortalecer o Estado, povo... Não existe corrupção”), um aguerrido, assinado por “República Stalinista da Ilusão” (“A galera do Porta dos Fundos merece todo o nosso apoio pelo simples fato de não se acovardarem na guerra contra os coxinhas!”), e um adepto de trocadilhos (“O humor nos tempos de cólera”, em alusão a “O amor nos tempos do cólera”, livro de Gabriel García Márquez).

Figura 19 – Comentários sobre o vídeo do Porta dos Fundos





Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena>>. Acesso em: 2 ago. 2016

O mesmo leitor que fez o trocadilho (“O humor nos tempos de cólera”) havia comentado minutos antes (FIGURA 19) que o grupo havia exagerado na ironia e por isso as piadas não seriam facilmente entendidas por leitores de “algumas” revistas semanais. Um tipo de provocação comum, feita inclusive pela Socialista Morena, em referência aos leitores da “rival” *Veja*.

Menciono este vídeo do Porta dos Fundos como exemplo por se tratar de um ataque comum à jornalista: constantemente ela é acusada de receber dinheiro público para defender o governo do PT. A “prova”, para alguns, teria sido um convite da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) para ser entrevistadora do programa *Espaço Público*, da TV Brasil – um contrato que chegou a ser fechado em 2014, mas não se concretizou. Como o valor foi empenhado e consta no Portal da Transparência (Controladoria Geral da União), o assunto volta à tona frequentemente nos sites de redes sociais.

Em 13 de fevereiro de 2016, ela escreveu no Facebook:

estamos em 2016 e voltam a me atacar por um contrato que NÃO SE CONCRETIZOU em 2014. quero ver se vamos chegar à próxima copa com este mesmo papinho... não adianta, vocês não vão conseguir manchar minha reputação. meu nome é meu maior patrimônio.

E o repetiu outras vezes no Facebook e no Twitter. Mas o tema está sempre voltando. A seguir, na Figura 20, uma imagem postada no Twitter em 28 de junho de 2016, replicada da página “Socialista de iPhone”:

Figura 20 – Montagem da página Socialista de iPhone



Fonte: Twitter sobre imagem publicada na página Socialista de iPhone. Disponível em: <<https://www.facebook.com/socialistadeiphone>>. Acesso em: 2 ago. 2016

Buscando outras críticas no Twitter por meio das *hashtags* #socialistamorena e #cynaramenezes⁴⁵, encontrei uma série de comentários, alguns irônicos, outros bastantes ofensivos, chamando-a de "alucinara", "anta", "burra", e usando palavrões. Reproduzo alguns deles:

"Acho até aceitável ser socialista na adolescência, mas depois de adulto ou é *mal (sic)* caráter ou idiota mesmo. #Socialismo #Cynaramenezes" (14 dez. 2015)

⁴⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/hashtag/CynaraMenezes?src=hash>>. Acesso em: 3 ago. 2016

“Quando a #CynaraMenezes me bloqueou eu percebi que sou um idiota que não percebe que #Lula é o salvador do Brasil.” (21 set. 2015)

“Da #CynaraMenezes eu tenho é dó. Coitada. Peguem leve, pessoas... Ninguém é burro porque quer...” (22 mar. 2015)

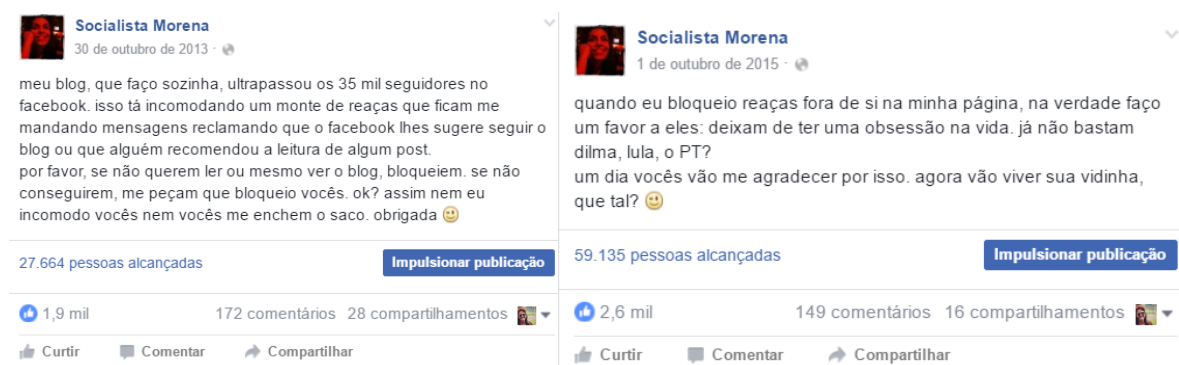
“a Sylmara Melendez é burra pra caraio. Entre níveis diferentes de QI não rola debate. #cynaramenezes @cynaramenezes” (5 mar. 2014)

“Eu estou muito abalado pq a #CynaraMenezes da @cartacapital me bloqueou. É pq eu sou um intolerante e ela é um ícone da democracia. Éita...” (24 jan. 2014)

Os “reaças”, como ela chama, também gostam de fazer listas como “As 13 vezes que você sentiu vergonha pelos tweets da Socialista Morena⁴⁶” (*site Spotniks*). “Vai pra Cuba!” (FIGURA 22), “vai pra Venezuela!”, “vai pra Coreia do Norte!” estão entre os “xingamentos” mais comuns, assim como “petralha” e “comunista”. A razão por que mais é atacada? Por se dizer socialista. “Eles têm um desconhecimento muito grande sobre o socialismo, sempre estão falando da União Soviética, que acabou há 25 anos. Não admitem a hipótese de o socialismo ter avançado, e ser repensado”. (MENEZES, 2016a)

Pergunto como lida com isso, ela diz que “os *haters* enchem, mas isso faz parte”. E bloqueia os fanáticos, cada vez mais. Na Figura 21, o “bloqueio de reaças” em *posts* de outubro de 2013 e outubro de 2015 (“Vão viver sua vidinha, que tal?”):

Figura 21 – Dois posts sobre “reaças”: 2013 e 2015



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena>>. Acesso em: 2 ago. 2016

⁴⁶ Disponível em: <<http://spotniks.com/as-13-vezes-que-voce-sentiu-vergonha-pelos-tweets-da-socialista-morena>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

É uma relação difícil, como ela explicita num texto publicado no *blog* em 2 de junho de 2015, com o título “Cadê os defensores da liberdade de expressão para me defender deles?”⁴⁷. Tendo como mote a vinda ao Brasil da blogueira cubana Yoani Sánchez, e sua luta pela liberdade de expressão no país de Fidel Castro, Cynara acaba reclamando dos ataques cotidianos que recebe no Facebook. “De Yoani diziam ‘mercenária’, ‘agente da CIA’. Não a vi receber ameaças públicas. A mim me acusam de receber dinheiro do governo e do PT, me xingam de tudo quanto é palavrão e me fazem ameaças físicas. Diariamente”.

A violência aparece de várias formas nos comentários. Uns fazem chacota com os leitores dela, outros desejam que ela morra de fome, há quem a chame de “comunista safada” e até quem peça que ela tenha as mãos cortadas para parar de escrever. Cynara exclui todos os que considera acima dos limites. Diz que é porque o ar fica irrespirável com tanta “agressividade e burrice”, incomodando as pessoas que gostam da página. “É tipo uma festa bacana invadida por hooligans. Um horror”, compara neste mesmo texto.

Figura 22 – Exemplos de comentários agressivos no Facebook



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/SocialistaMorena>>. Acesso em: 2 ago. 2016

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/cade-os-defensores-da-liberdade-de-expressao/>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Tais demonstrações de amor e ódio mostram como a internet pode ser considerada um espelho da sociedade, como afirma Castells em entrevista a Sylvia Colombo:

O Brasil sempre foi agressivo. A imagem mítica do brasileiro simpático existe só no samba. Na relação entre as pessoas, sempre foi violento. A sociedade brasileira não é simpática, é uma sociedade que se mata. Esse é o Brasil que vemos hoje na internet. Essa agressividade sempre existiu. A única coisa que a internet faz é expressar abertamente o que é a sociedade em sua diversidade. Trata-se de um espelho. Como hoje não precisam passar pelos meios tradicionais de comunicação, as pessoas aparecem como realmente são. (CASTELLS, 2015)

Pelo que se vê hoje refletido na internet – tomando como exemplo os comentários raivosos deixados na página da Socialista Morena no Facebook –, a sociedade brasileira é intolerante, cruel, violenta. Cabe perguntar se aqueles que se mostram tão preconceituosos no Facebook ou no Twitter já não pensavam assim antes dos *sítes* de redes sociais. Provavelmente sim. A grande diferença é que não podiam se declarar abertamente, até encontrarem outros tantos preconceituosos como eles no ambiente digital. Ao querer dividir tudo em volta entre esquerda e direita, entre “coxinhas” e “petralhas”, em nome da liberdade de expressão, da autenticidade (ou do #prontofalei), muitos cometem grosserias, despejam preconceitos, exageram nas demonstrações da própria ignorância.

CONCLUSÃO

Em 2 de março de 2015, a jornalista Eliane Brum publicou um artigo⁴⁸ no site do *El País* em que usava a expressão “boçalidade do mal” para definir o momento em que vivíamos no Brasil. Era um trocadilho com “banalidade do mal”, conceito criado pela filósofa Hannah Arendt (1906-1975) para explicar o que se instalava com o vazio de pensamento, a trivialização da violência. A boçalidade seria um passo a mais, um fenômeno advindo da experiência da internet – e da dificuldade de aceitar que a liberdade é também para coisas de que não gostamos.

No ano que se seguiu à publicação do artigo, os ânimos se acirraram ainda mais, manifestações à direita e à esquerda tomaram as ruas do país, a presidenta da República foi afastada do cargo e ainda há quem pareça competir: afinal, qual é o cúmulo da boçalidade? Uma década atrás, provavelmente ninguém pensaria em encontrar “verdades tão intrínsecas” como as que aparecem ultimamente nas mídias sociais. Como questiona Brum (2015), “em que momento a opinião ou a ação ou as escolhas do outro, da qual divergimos, se transforma numa impossibilidade de suportar que o outro exista?”.

A internet exacerba contradições, sim, mas a cultura brasileira também parece pesar no desrespeito pelo outro. Falta muito para que coloquemos em prática a máxima que diz que “a liberdade de um termina quando começa a do outro”. Comparemos com o vizinho Uruguai, por exemplo. Conhecido por leis progressistas, é também um país conservador. Grande parte da população uruguaia não defende as ideias “de esquerda” de seus governantes, mas nem por isso se dedica a derrubar leis que garantem direitos ao outro. No Brasil, país que mistura religião e política com naturalidade, o que se vê por toda parte é intolerância, preconceito, desrespeito por aquele que pensa diferente. E liberdade, convenhamos, não é igual a direito ao ódio e à eliminação do outro.

Portanto, o que se vê nas reações raivosas, nos comentários grosseiros dirigidos à Socialista Morena, pode ser considerado reflexo dos tempos, das

⁴⁸ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/02/opinion/1425304702_871738.html>. Acesso em: 3 ago. 2016

dicotomias reducionistas que só aumentam a rivalidade (esquerda *versus* direita, “coxinhas” *versus* “petralhas”), da “boçalidade do mal” que vivemos no Brasil nos dias de hoje.

E embora não gostemos de boa parte do que vemos, é preciso ter em conta que a internet é um instrumento de comunicação livre, que promove uma mudança histórica ao abrir a possibilidade de expressão espontânea da sociedade (CASTELLS, 2015), sem controle, sem censura. É a internet, esta tecnologia da liberdade, que possibilita a cultura de pertencimento e mudança social em rede

O que vimos no Brasil e no mundo nos últimos cinco anos, com as manifestações que ganharam as ruas, foi uma nova forma de mobilização social surgida a partir da comunicação em rede. Se os movimentos sociais hoje são capazes de se organizar sem pedir permissão a líderes ou partidos, é porque liderar passou a ser verbo que se conjuga com sujeito coletivo (CASTELLS, 2013).

Ou seja, uma vez que as pessoas passam a se comunicar por meio das redes, há uma reação espontânea, e elas passam a pensar juntas, sem a necessidade de ter um líder à frente. Como já não confiam nas instituições como antes e querem participar da vida política, elas se unem no sentimento de indignação, em torno de uma causa (que pode estar clara ou não), ou de um “lado”.

A Socialista Morena surge nesse cenário, de busca pelo sentimento de pertencimento em rede. Surge num tempo de ânimos acirrados, de polarização entre esquerda e direita, uma dicotomia que acaba ampliando a visibilidade, a reputação, a popularidade e a autoridade da jornalista Cynara Menezes nas redes sociais. Com suas provocações, ela desperta amor e ódio, ações e reações apaixonadas, para o bem e para o mal.

Num tempo de demissões em massa nas grandes empresas de comunicação, a jornalista pediu para sair da revista onde trabalhava para se dedicar exclusivamente ao *blog*. Demorou a alcançar o número mínimo de assinantes que calculava para poder pagar suas contas (2 mil), mas conseguiu. Vive com pouco, trabalha em casa, de manhã até de noite, mas se diz satisfeita com o que conquistou. Era a liberdade que queria a esta altura da carreira.

Mostrando-se como alguém de carne e osso que dá notícias e opiniões, Cynara Menezes encontrou uma alternativa economicamente viável, e inovadora em termos de conteúdo, em sua experiência de mídia à esquerda, ainda que considerada anacrônica por muitos de seus críticos. No *blog*, financiada pelos leitores, ela atua como editora e pauteira dela mesma, sem se restringir a determinada área de cobertura. Escreve livremente sobre o que pensa, misturando atualidades e memórias.

Nos textos, enquanto se dedica a partilhar conhecimentos sobre o socialismo e o “ser de esquerda”, às vezes dá a conhecer também um pouco da vida pessoal. Lembra, por exemplo, o poema que a fez virar à esquerda, aos 15 anos – “Perguntas de um operário que lê”, do alemão Bertold Brecht (1898-1956) – na mesma Bahia onde, menina ignorante, marchava fardada nos desfiles de 7 de setembro. Fala dos dois filhos que teve (com 17 anos de diferença de um para o outro), conta que ficou arrasada quando Leonel Brizola perdeu as eleições para presidente da República em 1989, “e logo para um capitalista empedernido como Fernando Collor” (MENEZES, 2015b, p.13).

Assim como Cynara, vários profissionais com larga experiência na mídia tradicional (impresso, rádio e TV) têm migrado para as novas mídias, em especial os *blogs*, em busca de autonomia, independência, liberdade de expressão e realização profissional. Como destaca Lima (2015, p.128), “no novo meio, o jornalista escreve sobre o que gosta, assume integralmente o papel de formador de opinião [...] e ainda conta com o *feedback* do leitor/receptor”. Segundo a autora, os *blogs* fascina os jornalistas pela sensação de liberdade, pela revitalização que vêm trazendo à profissão, pela mudança na produção e na plataforma discursiva do jornalismo.

São várias as vantagens que os jornalistas veem na mudança de um meio convencional para um *blog*. Uma delas é que ele não precisa da estrutura de uma empresa de comunicação. Pode escrever de qualquer lugar (Cynara montou seu escritório em casa), e com isenção, sem a interferência de interesses comerciais ou políticos das empresas para as quais trabalham. E mesmo que militem por uma causa, como faz a Socialista Morena pelo “ser de esquerda”, eles levam para os *blogs* os valores apreendidos ao longo da carreira nos veículos tradicionais, o rigor com a apuração, a preocupação com a narração honesta dos fatos.

Como ressalta Rodrigo Vianna na apresentação do *blog* Escrevinhador⁴⁹, ser independente não é ser neutro. Jornalistas como ele e Cynara Menezes gostam de brigar pelo que acreditam e fazem dos *blogs* um meio ideal para isso, uma vez que os próprios leitores exigem opiniões e posicionamento de quem escreve.

As informações difundidas pela Socialista Morena nem sempre têm um valor-notícia – há várias piadas, como a do bicho-preguiça fotografado com o “pau de *selfie*” –, mas as redes sociais acabam por complementar as funções da jornalista, servindo de filtro para matérias relevantes, dando credibilidade e importância a elas por meio das reverberações (RECUERO, 2009). Ao compartilhar no Facebook um texto do próprio *blog*, Cynara Menezes também abre aos leitores a possibilidade de fazer comentários e novas análises, acrescentando valor às notícias.

Com o *blog*, ao se abrir para o diálogo, o profissional acaba tendo uma nova ideia do que é ser jornalista e fazer jornalismo (ESCOBAR, 2007). O contato mais direto com os leitores e a maior exposição ao julgamento podem trazer dificuldades ao jornalista blogueiro, como acontece com Cynara, mas tem seu lado gratificante. O número crescente de leitores dispostos a financiar *blogs* de jornalistas demonstra o interesse que eles têm por opiniões, por boas reportagens, por visões diferentes das que se habituaram a ver na mídia convencional.

Uma das poucas mulheres a destacar-se num ambiente dominado por homens, Cynara Menezes chama a atenção não só pela interação ativa com os leitores, mas por fugir dos estereótipos. Enquanto milhares de mulheres ocupam seus espaços na blogosfera falando de moda, beleza e comportamento, ela gasta seu tempo falando de política, economia, maconha.

Assim como a maioria dos blogueiros, seu trabalho é solitário. Escreve sozinha, quase o dia inteiro. Mas ainda sonha em dobrar (triplicar, quadruplicar) o número de assinantes para poder ter mais gente trabalhando para a Socialista Morena. Seus colegas mais famosos - Luis Nassif, Ricardo Noblat, Paulo Henrique Amorim e Luiz Carlos Azenha – contam com um ou mais colaboradores em seus *blogs*.

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/rodrigovianna/sobre-o-blogueiro>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Vale destacar que o cenário favorável à mídia de esquerda foi mudando de tom ao longo da pesquisa. Com o afastamento de Dilma Rousseff da Presidência da República e a chegada do governo interino de Michel Temer, Cynara Menezes acabou migrando da “situação” para a “oposição”. Não que não fizesse críticas ao governo do PT (fazia, só não eram as mesmas da turma da direita), mas por um bom tempo foi chamada de “jornalista chapa branca”, o que não lhe agradava em nada.

No “Boteco Bolivariano” de junho, ela dizia estar chocada por assistir os principais veículos de comunicação do país passarem “da oposição à adulação em um piscar de olhos” e fazia previsões sombrias. “Todo blogueiro e jornalista independente deve tomar muito cuidado com as palavras agora. Governos ilegítimos adoram a censura” (MENEZES, 2016b).

No mês seguinte, sua coluna na *Caros Amigos* (intitulada “A entressafra da esquerda”) falava em “direita assanhada” e “esquerda atônita”, em “velha casca” e “troca de pele”. “Não temos como nos iludir: a roda da fortuna girou e hoje a esquerda está num viés de baixa, no Brasil e no mundo” (MENEZES, 2016c).

Nem tudo, no entanto, parecia perdido aos olhos da Socialista Morena. Neste mesmo texto de julho, ela destacava um aspecto interessante dos dias atuais: a esquerda parece mais em crise no poder do que fora dele. Nas ruas e nas redes sociais, Cynara vê uma tendência de alta nos movimentos identificados com a esquerda, como o feminismo, a luta contra o racismo e pelos direitos LGBTQs. “É preciso que a esquerda se coloque ao vento, ao sol, à intempérie, para tirar o mofo, para não se deixar embolorar. Isso só as ruas podem resolver” (MENEZES, 2016c).

Suas apostas no surgimento de uma “nova esquerda”, de um “socialismo à luz do século XXI”, portanto, fazem sentido se pensadas como rescaldo da crise que abala o mundo desde 2008. Como afirmam Cardoso e Jacobetty (2013, p.283), vivemos numa sociedade em rede sob o individualismo em rede, mas com uma cultura subjacente rumando para a “adoção de um paradigma menos centrado no interesse próprio e mais centrado na capacidade de adotar interesses comuns e de pertencer a um grupo que partilha objetivos”.

Com o enfraquecimento dos Estados Unidos e da União Europeia, estaria emergindo, segundo Castells, Cardoso e Caraça (2013, p.37), uma quarta camada

na economia, marcada por “uma economia capitalista informacional, renovada, para um segmento muito menor da população”; um setor público em crise, cada vez menos capaz de gerar emprego; e uma economia alternativa, não necessariamente sem fins lucrativos, baseada em valores diferentes sobre o significado da vida.

Como mostram os jornalistas independentes empreendedores – que buscam financiamento dos próprios leitores para seguir com o que acreditam fazer de melhor –, a crise do capitalismo global fez com que o mundo entrasse em condições econômicas e sociais muito diferentes das que marcaram as últimas décadas, mas isso não significa necessariamente que entramos um beco sem saída. Num momento em que o capitalismo começa a ruir aos olhos de todos, é preciso rever ideias, discursos, valores e crenças. Rever o significado que se dá ao dinheiro, o significado que se dá à vida. Se isso é ser “de esquerda”, há de surgir um novo caminho por aí.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Z.L. Blogs: a invasão dos profanos do mundo digital na esfera sagrada do jornalismo. In: **Anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo UMESP** (Universidade Metodista de São Paulo), 6, nov. 2008. Disponível em <<http://sbpjor.kamotini.ghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/coordenada12zelialealadghirni.pdf>>. Acesso em: 28 jun.2016.

_____. Informação on-line: jornalista ou produtor de conteúdo? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (COMPÓS), 10, Brasília, 2001. **Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Compós)**: Brasília, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/470/235>>. Acesso em: 28 jun.2016.

ADGHIRNI, Z.L.; PEREIRA, F. Perfil do profissional em ciberjornalismo: o blog como espaço de autoria e identidade na web. In: **Anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR**, 4, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://sbpjor.kamotini.ghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/coord3_zelia_adghirni_e_fabio_pereira.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2016.

ADGHIRNI, Z.L.; RIBEIRO, G. S. N. **Jornalismo online e identidade profissional do jornalista**. Disponível em: <<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/jornalismo-online-e-identidade-profissional-do-jornalista-zelia-adghirni>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

ALDÉ, A; CHAGAS, V. **Blog de política e identidade jornalística (transformações na autoridade cognitiva e na relação entre jornal e leitor)**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/61039524264263187770628453405402334909.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2016

BEVILAQUA, A. K. D. **Práticas discursivas em blogs políticos: uma observação sobre a participação políticas e as transformações que acompanham o espaço público**. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado). Natal: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia/Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

CARDOSO, G.; JACOBETTY, P. Navegando pela crise: Culturas de pertencimento e mudança social em rede. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G.; CARAÇA, J (Orgs.). **A crise e seus efeitos: as culturas econômicas da mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CASTELLS, M.; CARDOSO, G.; CARAÇA, J. As culturas da crise econômica. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G.; CARAÇA, J (Orgs.). **A crise e seus efeitos: as culturas econômicas da mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. Simpatia do brasileiro é um mito, diz sociólogo Manuel Castells. **Folha de S. Paulo**, 2015. Entrevista a Sylvia Colombo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/05/1630173-internet-so-evidencia-violencia-social-brasileira-afirma-sociologo-espanhol.shtml>> Acesso em: 20 jul. 2016

ESCOBAR, Juliana. Blogs como nova categoria de jornalismo. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. (Orgs). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009, p.217-236.

ESCOBAR, J. **Deu no Post: blogs como nova categoria de webjornalismo: um estudo de caso sobre o Blog do Noblat**. 2007. 254f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

GOMBATA, M. Você sabe o que é o bolivarianismo? **Carta Capital**, 7 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-e-bolivarianismo-2305.html>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

HART, C. **Doing a literature review: releasing the social Science research imagination**. London: Sage, 2009.

JORGE, T.M.; PEREIRA, F.H; ADGHIRNI, Z. L. Jornalismo na Internet: desafios e perspectivas no trinômio formação/universidade/mercado. In: RODRIGUES, C. (Org). **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Sulina, 2009.

LEMO, A.; HOLANDA, A. **Do Paradigma ao Cosmograma: sete contribuições da Teoria Ator-Rede para a pesquisa em comunicação**. XXII Encontro Anual da Compós GT de Epistemologia, 2013.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, C. C. N. **Jornalistas, blogueiros, migrantes da comunicação: em busca de novos arranjos econômicos para o trabalho jornalístico com maior autonomia e liberdade de expressão**. 2015. Tese (Doutorado). 250f. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão-SP: Mantiqueira, 2003.

MENEZES, C. Bolivariana sim, e daí? **Caros Amigos**, São Paulo, n. 219, 19 jun. 2015a. Disponível em: <<http://www.carosamigos.com.br/index.php/colunistas/191-cynara-menezes/5115-boteco-bolivariano-bolivariana-sim-e-dai>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

_____. **Cynara Menezes, a Socialista Morena**. Projeto Lupa, Brasília, jul. 2016a. Entrevista a Thaís Antonio. Disponível em: <<http://www.projetolupa.com/feed/socialista-morena>> Acesso em 5 ago. 2016.

_____. A entressafra da esquerda. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 232. 20 jul. 2016b. <<http://www.carosamigos.com.br/index.php/colunistas/191-cynara-menezes/7402-boteco-bolivariano-a-entressafra-da-esquerda-2>>. Acesso em 8 ago.2016

_____. Um epitáfio para o PIG. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 231, 29 jun. 2016c
<http://www.carosamigos.com.br/index.php/colunistas/191-cynara-menezes/7223-boteco-bolivariano-um-epitafio-para-o-pig-2>

_____. **Zen socialismo (os melhores posts do blog Socialista Morena)**. São Paulo: Geração Editorial, 2015b.

MORAIS, L. Notícia, conceito em revisão nos blogs jornalísticos. **Revista PJ:BR**, n. 9, dez. 2007. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos9_c.htm>. Acesso em: 8 jul. 2016.

MORENO, J. Blog é uma salada bem temperada. **Lide**, n. 46, set./out. 2006.

NOBLAT, Ricardo. Como fazer - e manter - um blog político. **Observatório da Imprensa**, n. 405, 30 out. 2006. Entrevista a Larissa Moraes. Disponível em <<http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/como-fazer-e-manter-um-blog-politico>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

_____. O que um blog pode ensinar. **Observatório da Imprensa**, n. 314, 1 fev. 2005. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/o-que-um-blog-pode-ensinar>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

NONATO, C. **Uma nova proposta de categorização para jornalistas blogueiros**. Leituras do Jornalismo, n.2, 2014. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/ojs/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/27>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

PRUDENCIO, K; BATALHA, M. Mídia ativista e ação política na internet: a experiência do Centro de Mídia Independente. **ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v.12, n.3, set-dez 2009, p. 100-122. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/934/874. Acesso em: 20 dez. 2016.

RAMOS, D.O.; SPINELLI, E. M. **Iniciativas de jornalismo independente no Brasil e Argentina**. Extraprensa (Universidade de São Paulo). Ano IX - no 17 | julho - dezembro 2015

RECUERO, R. Redes sociais na Internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. 2009. In: SOSTER, D. A.; FIRMINO, F. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009, p. 1-269. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>> Acesso em: 20 jul.2016.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SANCHES, P. A. **Muito prazer, nós somos os #JornalistasLivres!**. Farofafá, 13 mar. 2015. Disponível em: <<http://farofafa.cartacapital.com.br/2015/03/13/jornalistaslivres/>> Acesso em: 5 ago. 2016.

SCHEEFFER, F. Direita e esquerda hoje?. **Revista Eletrônica Direito e Política**, Itajaí, v.2, n.1, 2007. ISSN 1980-7791. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rdp/article/view/7511/4299>> Acesso em: 1 ago. 2016.

SCHITTINE, D. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SILVA, N.A.A; VIEIRA, A.C.; VELOSO, M.S.F. Comunicação militante na web: um estudo descritivo dos blogueiros progressistas. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN. In: **Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 2013, Mossoró - RN. Comunicação em tempos de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades, 2013.

SOUZA, J. Josias de Souza: O blog não é economicamente viável. **Portal Imprensa**, 29 nov. 2006. Entrevista a Larissa Moraes. Disponível em: <http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/6857/bjosias+de+souza+b+o+iblog+i+nao+e+economicamente+viavel+por+larissa+moraes>. Acesso em: 20 jul.2016.

SUANNO, M. V. R. **Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.